

REVISTA

www.revistaraca.com.br

# RACA

Moara Sacchi

**O mundo das paqueras virtuais negras no Brasil**

Evandro Calisto

**Big Brother Brasil A questão Racial em cheque**

Ana Paula

**A indústria de cosméticos para peles negras**

Wesley Alisson

**ClubHouse Conheça tudo sobre a nova rede social que está abalando o mercado**

Páginas Pretas com:  
Marcos Samaha

**Inclusão racial levado a sério**

**Negras e luxuosas O mercado de luxo para mulheres negras**

Juventude negra &  
**SUCESSO\$**

**DJ HERON LOVE & MC SOFFIA**

Postara

NAME RD 235 - PREÇOS R\$ 15,99







Conheça a casa de  
*Vinicius de Moraes*  
e descubra os encantos de  
~ *Itapuã* ~



[www.marbrasilhotel.com.br](http://www.marbrasilhotel.com.br)

📍 Rua Flamengo 44, Farol de Itapuã,  
Casa de Vinicius de Moraes, Salvador, Ba, Brasil.

☎ (71) 3285-7339 | 📞 (71) 99711-3374  
✉ [reservas@marbrasilhotel.com.br](mailto:reservas@marbrasilhotel.com.br)



**MAR BRASIL**  
hotel





## O curso da **HISTÓRIA**

**H**á pouco tempo nem mesmo o mais preparado dos seres humanos poderia prever que entraríamos em uma era de tantas incertezas, provocadas por uma pandemia.

O Brasil e o mundo vivem uma crise do ponto de vista social, econômico, político e sanitário de proporções incalculáveis. Na esteira deste problema outras crises não sanadas como racismo, desigualdade social e o desemprego nos empurram para um lugar em que provavelmente negros e negras só tenham provado algo parecido em 13 de maio de 1888, com a assinatura da Lei Áurea, quando fomos jogados à própria sorte.

Este lugar de ex-escravizados, excluídos por um sistema perverso que fortalece as desigualdades, nos faz refletir se realmente existe uma saída para o caos. É neste momento que o encontro com nossa história e ancestralidade se faz necessário para termos a firmeza e a certeza de que tudo vai passar.

Somos descendentes de um povo que foi colocado às mais terríveis provas e sobreviveu ao encarceramento, comércio humano, ao transporte desumano da África. Neste trajeto é preciso lembrar que, de cada dez pessoas sequestradas no continente africano, menos da metade sobrevivia à viagem. Ou seja, somos sangue desses sobreviventes.

Sobrevivemos a 380 anos num dos sistemas mais brutais e perversos pelo qual passou a humanidade - a escravidão negra.

Sobrevivemos a todo o século 20, sub júdice da exclusão, do racismo, da discriminação, em um país que mesmo racista sempre negou esse lugar, e só agora no século 21, mais de cem anos após a abolição da escravatura começou a adotar políticas compensatórias.

Se sobrevivemos a tudo isso, não será uma pandemia que irá nos vencer. A RAÇA tem se solidarizado a todas as causas vinculadas a soluções e reflexões antirracistas e muito nos entristece ter, quase toda semana, que usar nossos canais digitais para anunciar perdas irreparáveis pela Covid-19. Sabemos que por conta do racismo estrutural somos as principais vítimas deste vírus, e os menos vacinados.

Mas nada irá interromper nossa marcha triunfal, que levará nossos filhos e netos a um país melhor. Se esta década de 20 ficará marcada como a década que espalhou o vírus e matou milhões de pessoas no Brasil e no mundo, também lembraremos que neste período entramos para a história como os anos em que mais entraram negros nas universidades, onde uma mulher negra foi a primeira cientista a decodificar o vírus de forma mais rápida no planeta.

Período também onde muitas empresas entraram pra valer na luta antirracista, e que elegemos as primeiras mulheres negras transexuais a ocupar os cargos de vereadora em São Paulo, Erika Hilton e Erica Malunguinho, primeira deputada estadual trans na Assembleia Legislativa do mais poderoso estado.

Podem parecer poucas as conquistas, porém, quando olhamos para trás, percebemos o quanto avançamos e que não será nenhuma pandemia ou desgoverno que ceifará nosso curso e lugar na história.

Maurício Pestana  
mpestana@revistaraca.com.br  
CEO Revista Raça





# INCLUSÃO RACIAL LEVADO A SÉRIO

Marcos Samaha

Marcos Samaha é CEO do grupo Tenda Atacado no Brasil e em Angola. Tem experiência em liderança executiva de grandes varejistas como Walmart, Grupo Pão de Açúcar e Tenda, e atualmente exerce o cargo de conselheiro de administração da PoupaFarma.

É graduado em psicologia pela Universidade de Taubaté (1989) e mestre *stricto sensu* em administração de empresas pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (2016), onde hoje cursa o doutorado em administração de empresas e dá aula como professor convidado.

Foto Divulgação

## O senhor é dirigente de uma das maiores redes atacadistas do país e me parece muito atento à questão racial brasileira. Como esse tema chegou até o senhor?

Minha primeira experiência objetiva com a questão racial foi enquanto atuava como executivo de uma multinacional americana que levava muito a sério a questão da inclusão da diversidade, promovendo sensibilizações sobre vieses cognitivos e microiniquidades do dia a dia. Isso por volta de 2005, quando o tema da diversidade estava ainda pouco em voga nas empresas no Brasil. Depois, no meu mestrado acadêmico, entre 2014 e 2016, entrei em contato de forma mais profunda com a disciplina de diversidade e inclusão, com diversos autores acadêmicos que levaram o entendimento da questão a um nível bem mais profundo e científico.

Poderia citar aqui autores como Taylor Cox, Stella Nkomo, Stephanie M. Wildman, Michàlle Mor Barak e Kimberlé Crenshaw. Depois tive um momento marcante, quando em um summit de liderança assisti a uma palestra com Bryan Stevenson, advogado, ativista e fundador do movimento Equal Justice Initiative. Esse cara me sensibilizou ao me fazer enxergar o quanto o racismo é uma grande injustiça, uma grande deficiência de caráter do ser humano, em especial das classes dominantes brancas. Em contato com esses autores, e passando a entender meu privilégio branco no contexto do racismo estrutural, decidi seguir para o doutorado e me aprofundar mais na questão do racismo nas organizações, pesquisando o tema no Brasil.



# **Em sua trajetória escolar e profissional, consegue se lembrar da quantidade de negros ou negras que fizeram parte do seu ambiente? Eles estavam em pé de igualdade, tiveram a ascensão que o senhor teve?**

*Sou de Pindamonhangaba, no interior de São Paulo. Do jardim da infância à 8ª série do ensino fundamental, estudei em escola pública, que era um ambiente com várias classes sociais, brancos e negros. Tive colegas de sala negros, não saberia dizer quantos, mas provavelmente um terço da turma. Já na faculdade era zero. A faculdade é um funil estreito para o profissional negro. Hoje, com as ações afirmativas e cotas raciais, esse panorama está felizmente mudando, mas na minha época a faculdade era um ambiente “normalizado” branco. Não tive nenhum colega negro na faculdade, e tive apenas uma professora negra ao longo dos cinco anos do curso de psicologia. Na carreira, os negros passaram a ser muito poucos, em especial em posições de liderança sênior. No varejo há vários profissionais negros.*

**Essas frases ainda são muito comuns no meio corporativo. Como responder a cada uma dessas indagações?**

*O Brasil é um dos países mais racistas do planeta, e com o pior tipo de racismo, aquele que muitas vezes é sutil, disfarçado, que evita ser identificado uma vez que é crime. Vivemos a herança de uma cultura escravocrata, em que o negro era mercadoria, um sub-humano, sem direito a nada. E as raízes da cultura brasileira são profundamente racistas — o racismo está nas bases, nas estruturas: nos hospitais, na habitação, na escola, no bairro de origem, na maternidade, na nutrição. No mercado de trabalho isso fica escancarado.*

*Vemos pouquíssimos negros ocupando cargos de liderança nas diretorias e nos conselhos de administração das empresas, e as nacionais são as piores. As empresas estrangeiras ainda conseguem ter um grau pequeno de sucesso em seus programas de diversidade, mas entre as nacionais são raros os casos de empresas que têm um programa efetivo. Como responder ao ideólogo da meritocracia? Olha, é difícil convencer o privilegiado branco de que ele está onde está, em grande parte, por ser um*

*privilegiado. É uma questão de conscientização, de aprendizado como ser humano. De um lado está a consciência, raramente atingida. De outro está uma ideologia fortíssima, a da meritocracia, que ensina às pessoas o que pensar e o que falar, e o reprodutor da ideologia repete algo como sendo sua crença, sua fé, mal sabendo que é um mero repetidor de uma ideologia que nele foi inculcada pela educação, em casa, na escola e na empresa.*

**Por que o senhor acha importante se engajar na luta antirracista principalmente dentro das empresas?**

*Porque é o justo. Porque o racismo é a maior das injustiças de nossa sociedade, e é nas empresas que ele impede os áreas operacionais, que conseguem construir uma carreira, começar em funções de base e chegar a gerente de loja, a gerente regional, mas sempre em funções operativas. Nas diretorias, tive apenas um colega de trabalho negro em toda minha trajetória.*



*“No Brasil não tem racismo”, “isso é coisa que querem trazer para cá”, “assim que o negro estudar e lutar, ele vai chegar e outras frases impedem profissionais de se realizarem, de construírem suas carreiras, ganharem o sustento e a ascensão de suas famílias. Combater o racismo de forma ativa é a forma de contribuir para construir uma sociedade menos injusta. É utopia? Sim, é lento demais, é muito frustrante, mas o que seria o mundo de hoje sem visionários utópicos como Nelson Mandela e Martin Luther King Jr.? De alguma maneira, a sociedade ocidental, que ainda tem muito a evoluir, evoluiu algo, um pouco, graças às lutas antirracistas lideradas por esses utópicos.*

## **Nesses tempos tenebrosos em que vivemos, com pandemias, fugas de capitais e investimentos, recessão e pouca liderança política no Brasil, que futuro o senhor vê para a igualdade racial em nosso país?**

*Como falei, o processo é muito lento e frustrante. Mas não podemos parar. Vejo aumentar aos poucos o número de conscientes, ou melhor, de aliados, líderes brancos que se engajam na causa. Espero ainda ver o dia em que não serão contadas mais piadinhas racistas idiotas e supostamente inocentes em rodinhas de homens brancos. Não aceito e não convivo com pessoas que não entendem que esse modo de ver o mundo, essa visão típica do supremacista branco, que se julga superior, não dá mais. Mas infelizmente tem uma parte da população que não vai evoluir mesmo, que elege seus líderes políticos não por serem iludidos por eles, mas “conscientemente”, por terem uma mentalidade que ficou paralisada na década de 1960, no Brasil da democracia racial. Nesse sentido, os políticos são oriundos da sociedade. E essa sociedade dominante é branca, é conservadora, é privilegiada, é racista, e não está disposta a abrir mão de seus privilégios. E isso vale para todos os ambientes, nos palácios da Justiça, no Congresso, nos poderes executivos federal, estaduais e municipais, na sala dos professores das universidades, nas salas de reunião dos conselhos das empresas brasileiras etc. Em suma, não vejo um futuro promissor para a igualdade racial no Brasil, em uma mudança rápida. Ela é lenta. E além de lenta, de 2018 para cá isso só piorou. Mas imagino Nelson Mandela dentro do cárcere por 27 anos, e ele não perdeu a esperança. A resiliência tem que estar na essência dos utópicos.*

## **O que o senhor não recomendaria de forma alguma para uma liderança que queira iniciar um processo de inclusão racial na própria empresa?**

*Fazer a promoção da diversidade para ficar bonito na foto, para aparecer no jornal, para fazer marketing, essa é a motivação errada, isso é diversity washing. As empresas e seus líderes devem ter uma única motivação, que é fazer o que é justo. Tudo mais vem como efeito colateral. Recomendo em primeiro lugar entender sua motivação.*

## **O que acha que é necessário para que mais negros cresçam profissionalmente nas empresas?**



Essa é a pergunta mais difícil de todas. Mas temos que começar de algum lugar. Programas de trainees, recrutamento e seleção cegos, ações afirmativas nas empresas, mentoring, programas de estágio, todas são ações interessantes que algumas empresas estão fazendo, com métricas, com metas. Mesmo assim, é uma mudança muito lenta. Parcerias com universidades deveriam ser um caminho a ser explorado. Mas se queremos ver alguma mudança concreta, precisaríamos fazer em todas as empresas, o que não é a realidade. Há algumas mais avançadas, outras começando, e muitas outras que nem têm a intenção de começar.

## **A luta antirracista e por maior igualdade racial no ambiente corporativo tem preço, precisa de investimento financeiro. O senhor consegue precificar o investimento?**

*Precisa de investimento financeiro, sim, precisa de assessoria especializada; se cada empresa for começar do zero, o processo é muito lento. O recomendável é trazer experts que tenham capacidade de acelerar o processo de inclusão da diversidade, e sobretudo da diversidade racial, que é, de acordo com todas as pesquisas, a que menos avança e a que menos possui iniciativas efetivas nas empresas. Mas por que será que a diversidade racial é a que menos avança, a que menos possui iniciativas dentro das empresas que têm algum programa de diversidade?*

*Acho que aqui estamos falando de algo muito maior que investimento financeiro, pois depende de consciência. E no caminho para alcançar essa consciência há a barreira fortíssima do racismo estrutural, que permeia as culturas das empresas de forma normalizada, naturalizada, invisível e, logo, impossível de combater sem conscientização.*

## **O que o senhor acha das cotas raciais?**

*Sou totalmente a favor, na educação, nas empresas, no funcionalismo público, no Poder Judiciário, no Congresso, nas Forças Armadas etc. A ideologia da meritocracia prega a falácia de que todos devem se esforçar para conquistar algo e defende o princípio da igualdade de direitos. Ora, mas que igualdade de direitos? Que meritocracia? Se o ponto de largada dessa corrida é estruturalmente e profundamente desigual? As cotas dão tratamento desigual a pessoas profundamente desiguais. É uma forma de corrigir as injustiças estabelecidas em cinco séculos. Hoje temos ainda apenas 20% de universitários negros, mas antes das cotas eram muito menos.*

# **O que o senhor diria para um jovem negro que sofre todas as mazelas de uma sociedade racista e ingrata como a nossa, mas que sonha chegar ao topo, ao cargo de CEO em uma grande empresa como a sua?**

*Que a batalha vai ser muito árdua. É árdua para homens brancos. É muito árdua para mulheres brancas. Para homens negros é difícil e, em especial para mulheres negras, é uma luta incrível. Quantos CEOs negros temos no Brasil? Mas que esse jovem negro se lembre de Mandela encarcerado por 27 anos, e continue lutando, até o fim.*

## **Alguma outra colocação que gostaria de contar?**

*Sou branco, sou privilegiado, me beneficiei estruturalmente do racismo existente na sociedade, e não quero aceitar isso como normal para mim, para meus filhos e para as próximas gerações. O privilégio é anormal, os restaurantes só de clientes brancos são anormais, as salas de aula das escolas da elite, só com crianças brancas, não são normais. E não fazer nada a respeito é ser omissivo, é aceitar seu privilégio, é ser racista. A luta é demorada, é frustrante, é ingloria, mas o que fazer se não lutar?*



## MATÉRIAS

- 18 Colorismo**  
A beleza negra está em todos os tons
- 38 Afroafetividade**  
Negros e negras na paquera
- 44 Big Brother Brasil**  
A questão racial em cheque
- 46 Vozes Feminina**  
Mercado de luxo

# 22

## Club House

Como funciona?



# 30

## DJ Heron Love & Mc Soffia

Juventude negra & Sucesso



## SEÇÕES

- 03 Opinião de Raça
- 04 Páginas Pretas
- 10 Interativa
- 12 Inspiração
- 16 Livros
- 18 Colorismo
- 24 Serviços
- 26 Homem Negro
- 41 Economia e Liderança
- 44 BBB
- 46 Moda
- 50 Eu na Raça
- 52 Rachel Quintiliano
- 54 Pauta
- 56 Negros em Movimento
- 60 Raizes
- 62 Netflix

# 26

## Homem Negro

na Netflix





# A FORÇA DE UM SONHO



Hamalli Alcântara

*A Revista Raça faz muita gente pensar e refletir sobre o nosso passado, presente e futuro. Há 25 anos no mercado, a Raça vem quebrando paradigmas impostos pela sociedade. E um deles é de que o negro não pode sonhar, não pode crescer, não pode se destacar. Mas nós podemos! Nós podemos ganhar esse mundo aí fora!*

*Por isso, eu pergunto: dentre tantos sonhos e paixões da infância, quais você seguiu? Quais você levou para a vida? Quais se perderam no dia a dia, na correria, no "busão" lotado? Não importa. Nós sempre podemos (re)começar! Aos 6, aos 18 ou aos 60, sempre dá tempo de vencer.*

*É sobre isso nossa capa deste mês. Dj Heron Love, sucesso desde os 18 anos de idade, conta sobre sua trajetória, infância e sua grande paixão: sua coleção de tênis! Paixão essa que fez com que ele fosse o único na América Latina a ter um exemplar do tão sonhado tênis inspirado no filme "De volta para o futuro", edição limitada da Nike.*

*Ao seu lado, ela que é sinônimo de beleza, empoderamento e ostentação: MC Soffia. A rapper que fez sucesso ainda criança, com apenas 6 anos de idade, e sonhava em ser uma rapper de sucesso dá um show de simpatia, autoafirmação, luxo e militância, em uma entrevista imperdível. Hoje com 17 anos, MC Soffia é uma das rappers mais escutadas de sua idade.*

*E por falar em ostentação, como será que está o negro no mercado de luxo no Brasil? Em uma matéria super especial sobre moda, Karina Amancio e Luiza Brasil fazem um panorama das mulheres negras no mercado de luxo brasileiro. Evandro Calisto, colunista da Revista Raça, fala sobre a mulher negra e o empreendedorismo, uma análise de como estamos evoluindo neste segmento.*

*E você sabe que, por aqui, encontra sempre muita cultura, reflexão e dicas a Raça com nossas participações que nos permitem não só sonhar, mas também realizar estes sonhos, porque, no final, é isso que importa. É como diz o poeta: quem traz na pele esta marca possui a estranha mania de ter fé na vida!*

*Desejo a vocês uma ótima (e porque não, luxuosa) leitura a todos.*

**Fale com a editora:**  
[hamallialcantara@revistaraca.com.br](mailto:hamallialcantara@revistaraca.com.br)  
**Instagram**  
[@hamallialcantara](https://www.instagram.com/hamallialcantara)



# InterATIVA

ESPAÇO DO LEITOR



*Amo estampar a capa da @revistaraca. Temos uma conexão desde o meu tempo de modelo ( passe para ver as capas ). Gratidão equipe da revista pela referência positiva, promoção da nossa autoestima e etnia. Parabéns pela perseverança e força. Vida longa a revista!*  
@lucyramos

*Maravilhosa, admiro de mais essa mulher.*  
@davigarcia

*Eu me espelho tanto nela! Que orgulho ver Lucy Ramos na Capa da Revista Raça novamente.*  
@gabielabrasil

*A revista que eu amo, com as pessoas que eu amo.*  
@analuizapaulino

*Essa matéria de moda me fez arrepiar até a alma!  
A matéria mais linda já vista*  
Joanice Pinto – Recife

*Eu amo a Revista Raça, olha que matéria linda essa de moda. Parabéns Revista Raça!*  
Bruno Antonio – São Paulo

*Eu me senti como se estivesse no ensaio parabéns!*  
Luana de Niz – São José dos Campos







UNIVERSIDADE DE  
**VASSOURAS**

*Breaking Codes*

## GRADUAÇÃO

- Administração
- Educação Física
- Enfermagem
- Engenharia Civil
- Engenharia de Software
- Engenharia Elétrica
- Engenharia Química
- Medicina
- Medicina Veterinária
- Odontologia
- Pedagogia
- Psicologia

## PÓS-GRADUAÇÃO

MBA • ESPECIALIZAÇÃO • MESTRADO

**FORMANDO O PROFISSIONAL DO FUTURO**

[universidadedevassouras.edu.br](http://universidadedevassouras.edu.br)





# Dão Black

WORLD MUSIC  
em essência

por Evandro Calisto

Fotos acervo pessoal

O termo *world music* surge de uma construção etnocêntrica, valores e visões construídos através do próprio umbigo dos norte-americanos e ingleses que cunharam esse termo para designar toda música que não esteja ligada às correntes produzidas por eles como o rock, ou música cantada em outra língua que não seja o inglês. Logo, *world music* é tudo de espetacular que o mundo produz e a fusão de tudo isso, *world music* é a música do mundo, do universo, do mun-Dão, a música de Dão.

Anderson de Sousa Costa, Dão Black, natural de Salvador-Bahia, o menino de 45 anos, oriundo da Escola Pracatum do Candeal de Carlinhos Brown, ouvindo os ecos dos cromossomos percussivos que expandem no seu corpo por ancestralidade, largou o estudo da Biomedicina e mergulhou na música. Um mergulho profundo de intensas apneias, escutas universais, laboratórios étnicos, viagens por continentes, pesquisas culturais. Tudo isso fez Dão se torna o mais novo expoente da world music no Brasil.

Numa inversão criativa, Dão percebe o mundo da música através da sua própria existência, das estruturas que compõem sua memória, narrativas vividas em metalinguagens. Percebeu que a música é infinita e, se sua arte é música, logo é infinita também.

Através de pesquisa do samba de roda, observando os desdobramentos melódicos e harmônicos que vêm desse tronco, fez um mergulho que alcança as raízes africanas até os acordes dissonantes do violão de Baden Powell e a influência negra na poesia de Vinicius de Moraes.



Influenciado por nomes como Tim Maia, Hyldon, Cassiano, Jackson do Pandeiro, Jorge Ben, Carlos Dafé e outros guerreiros do balanço da música black brasileira, Dão traz para a nova geração um beat de reencontro que vem com teor de alegria e muito swing.

Uma estrada que foi construída através de passos consistentes. Em 2017 lançou o projeto Baile Noite Preta em Salvador trazendo um ícone da música, a cantora Lady Zu, na segunda edição fez um *fusion* do Cortejo Afro com a famosa banda de reggae Adão Negro, em 2018 o baile foi agraciado com a presença de Paula Lima. Neste mesmo ano dividiu o palco com o Ilê Aiyê e banda Ifá Afro beat no o concerto Beat Soul Tambor de Raiz, finalizando com um show histórico no Perc Pam(Panorama Percussivo Mundial)



Agora o cantor está com o novo projeto intitulado Sambahélic. Uma brincadeira com a banda norte americana dos anos 70 chamada Funkdelic. O Sambahélic tem como objetivo passear pelos vários ritmos da Samba. Vai do Samba de roda ao Samba Rock sem perder o tempero da célula rítmica original. A ideia é transformar todas as músicas em áudio visual. Será um disco com muito balanço, algumas músicas e vídeos clipes já estão prontos e todo esse material logo estará em todas as plataformas digitais. Hoje o artista tem uma sólida carreira atuado no Brasil, Estados Unidos, Reino Unido e Angola, e se alguém deseja compreender as fusões produzidas da música popular brasileira influenciadas pelo tronco africano, hoje, obrigatoriamente tem que ouvir Dão Black.





Camila Nova

# Lucas Penteado na cova dos leões.

Falar a respeito da saúde mental de uma população dentro de um recorte étnico-racial é tarefa difícil, se não impossível de fazê-la sem levantar fatos históricos.

A construção do Brasil, em termos populacional, se deu diante de muito sangue e lágrima. As violências sofridas pelos negros africanos escravizados ainda é sentida na pele dos seus descendentes. Sofrendo com saudade de casa, muitos encontraram na morte a solução para suas dores, levando-os ao suicídio. Banzo. Assim era chamado o sentimento de melancolia que levava muitos dos negros ao suicídio.

Vivemos em tempos pandêmicos onde muitos sentimentos antes não experimentados surgem, como privações de liberdade (isolamento social), medo da morte, medo da doença e de privações financeiras. Sentimentos semelhantes aos experimentados pelos negros trazidos de diversas partes da África para serem aqui escravizados. Ainda buscando nos fatos históricos e nas estatísticas, a população mais vulnerável, cuja renda diminuiu drasticamente durante a pandemia, é a população periférica, que em grande maioria a população negra.

Aos fatos: medo de morrer, isolamento social, rebaixamento (ou perda) da renda, medo da solidão, entre outros são sintomas presentes em todas as camadas da sociedade. Agora, some-se a tudo isso a depressão, ansiedade, alcoolismo, violência doméstica, feminicídio entre outras violências potencializadas pelo racismo temos um adoecimento em massa da população negra.

Quando falamos em saúde mental, não falamos apenas em doença, mas também e principalmente em bem-estar. A população negra vive em constante estado de ansiedade. A necessidade imposta pelo racismo estrutural leva-nos a acreditar que precisamos sempre mostrar nossa qualificação em dobro em comparação aos não-negros. Ou seria isso uma realidade?

O Atlas da Violência 2020 indica que as vítimas de homicídios dos homens e mulheres negros (pretos e pardos) é 74% superior em comparação a população não-negra. Qual pessoa negra não tem medo de morrer assassinada?

Na adolescência, faixa etária em que ocorrem grandes mudanças tanto físicas quanto psicológicas, o número de suicídio entre adolescentes negros é 45% superior. Quais pais e mães de jovens negros não têm medo de perder seus filhos?

Essas e outras perguntas são realidades e cerceiam o direito a saúde mental vista de forma diferenciada para a população negra. Alguma semelhança com o Banzu não é mera coincidência.

## Lucas Penteado: Covarde ou Corajoso?

Não precisamos ser telespectadores assíduos de reality shows para sabermos o que acontece dentro da casa do BBB. Um participante que sai voluntariamente sempre desperta curiosidade nas pessoas.

A chance de receber o prêmio de 1,5 milhão de Reais pode parecer a salvação de vidas. Carregar essa responsabilidade de poder fazer a diferença na vida da família e da própria vida é um fardo de peso imensurável.

Lucas teve grandes chances ao se tornar nacionalmente conhecido. Porém, para ele a chance de se tornar um milionário não foi maior que a chance de ser salvar.

Diante da sensibilidade de viver em uma pandemia, onde a visibilidade nas mídias se faz necessária para um ator, a preocupação com o cancelamento pode ter grande peso não somente para o Lucas, como para dos demais participantes do programa. Fragilizado, Lucas assume um papel de salvador da população negra. Depois da vitória de Thelma no BBB 20 e de Jojo Todynho no A Fazenda, Lucas tenta articular de maneira incisiva uma possível vitória de outro negro. Sua postura pode ter sido mal colocada e possivelmente mal interpretada e diante disto Lucas foi isolado, mal tratado, desrespeitado. A falta de empatia para alguém que já vive amarguras no percurso de toda uma vida é potencializado quando há esperança de acolhimento.

O pedido de deixar a casa parece uma tentativa de sobrevivência a que os jovens negros enfrentam cotidianamente. Sair da casa onde o ambiente era para ele nocivo, foi a solução que Lucas encontrou para sobreviver, pois percebeu que continuar no programa e concorrer ao prêmio poderia lhe trazer prejuízos psicológicos talvez irreversíveis.

Duante muito tempo na sociedade o branco foi tomado como marco referencial.

A ideia de que precisamos ser o melhor em tudo nos adoecce.

Militar sem estar bem consigo mesmo é muito perigoso

Os medos, as inseguranças também são heranças. São passados de geração para geração

"Uma criança negra, normal, tendo crescido no seio de uma família normal, ficará anormal ao menor contato com o mundo branco"

Franz Fanon – Pele negra mascarar brancas

"Eu conto para minha mãe as situações de racismo que eu passo mas ele sempre naturaliza"

MILITÂNCIA INVERTIDA  
2021 está sendo reflex



# SAMANTHA ALMEIDA

Texto redação Foto divulgação

***Hoje, entre os 100 afrodescendentes mais influentes do mundo, 10 são brasileiros e na categoria negócios e empreendedorismo brilha o nome de Samantha Almeida; sem delongas temos que falar que Samantha nasceu na favela da Rocinha no Rio de Janeiro e de lá despontou para o mundo.***

Especialista em Administração e Varejo, formada em Desenho e Moda, Samantha construiu nos últimos dez anos uma sólida carreira na área da comunicação, líder em empresas como Levi Strauss Co, The Estée Lauder Companies e Avon. A formação transdisciplinar faz com que o olhar de Samantha esteja além do rigor metodológico da gestão, com formação em teatro, história da arte e astrologia, a carioca de apenas 40 anos. Já declarou que mesmo sendo multifacetada o que determinou o que ela é foi ser aluna, como bolsista, de um dos melhores colégios do Rio de Janeiro, provando assim a importância do acesso a cotas.

Até meados de junho de 2020 Samantha era head of content na Ogilvy Brasil, do grupo WPP, liderando o Content Studios, construindo estratégias de redes sociais para marcas, como: HBO, Fanta, Nestlé e IBM. Antes, foi diretora de planejamento e inovação digital do grupo Music 2/Mind, grupo especializado em música, cultura digital e entretenimento. Vencedores do Caboré 2019 em Serviços de Marketing.

No final de 2020 se tornou Diretora do Twitter Next no Brasil, seu desafio é produzir projetos que influenciem de forma positiva a sociedade tendo como referencial principal a diversidade, com o olhar dedicado a identificar as múltiplas faces da realidade brasileira, buscando dar voz, representatividade e respeito a todos os grupos sociais que compõem a complexidade do país, ultrapassando os ditames convencionais do que se pensa a comunicação e as conexões entre as marcas e pessoas. Seu desafio é ultrapassar as relações comuns entre as marcas e os consumidores na comunicação.

Avalia a multiplicidade e pluralidade da realidade brasileira; a partir daí, busca produzir projetos positivos que abarquem a diversidade. A formação múltipla, foco na diversidade na busca de alcances sociais inclusiva faz a diferença de Samantha Almeida, estando entre os 10 mais importantes afrodescendentes do Brasil. Tornando-se referencial representativa, Samantha vai além, é uma construtora de novos paradigmas para comunicação na era digital.





# Livros

Por Márcio Barbosa



## A PUPILA É PRETA

Cuti

O escritor Cuti tem um texto refinado. Trafegando com a mesma desenvoltura por gêneros diferentes, seus livros têm sempre muito lirismo e muita contundência. O livro “A Pupila é Preta” traz contos bem construídos nos quais é possível perceber a presença da poesia e do teatro, dois gêneros pelos quais Cuti navega com habilidade. Há contos curtos e contos mais longos, mas em todos eles a presença da poesia é sentida nas imagens bem construídas, nas metáforas precisas e afiadas. Já o teatro aparece na elaboração consistente dos conflitos e dramas. Nesse sentido, em alguns momentos temos a impressão de ver os personagens a nossa frente vivendo suas oposições, suas diferenças, e suas necessidades e dificuldades de aproximação uns dos outros. O conto que dá título ao livro, por exemplo, é todo construído em cima dos diálogos entre um jovem negro e uma jovem (supostamente) branca. Ele pergunta por que ela o ignora quando está com as amigas ou por que não o apresenta à família. A atração que um tem pelo outro esbarra nesses temores e nessa rejeição que nem sempre é verbalizada. Quanto espaço de acolhimento haveria no coração da jovem? Ela teria coragem de superar a barreira do racismo em nome do relacionamento? O rapaz pede que ela se olhe no espelho. O espelho é onde ela pode se descobrir. É onde ela pode constatar que a pupila é preta. E isso pode fazê-la entender que certos mitos são mentira. Já no conto “Abraço do Espelho” a personagem Delinda vive seu drama pessoal: deve alisar os cabelos para conseguir um emprego ou mantê-los naturais e viver plenamente o universo de sua escola de samba? Seus cabelos são o ponto de partida para uma reflexão sobre autoaceitação e identidade. Os contos do livro vêm temperados com muita ironia e, numa época em que a identidade negra é questionada e repensada a partir de reality shows televisivos, é sempre revigorante ler os textos de Cuti.

Maiores informações: [www.editoramale.com.br](http://www.editoramale.com.br)



## O RACISMO E O NEGRO NO BRASIL: QUESTÕES PARA A PSICANÁLISE

Noemi Moritz Kon, Maria Lúcia da Silva e Cristiane Curi Abud

Segundo a psicanalista Jaqueline Conceição, do Coletivo Di Jeje, a população negra não pode ser considerada homogênea; é necessário observar que cada indivíduo tem sua personalidade, seu temperamento próprio. Essa deveria ser uma constatação básica, mas ainda é algo que necessita ser explicado constantemente, especialmente nos últimos tempos, tendo-se em vista os acontecimentos da versão 2021 do programa Big Brother Brasil. Essa versão tornou explícita a diversidade da população negra; por outro lado tornou-se um palco perfeito para virem à tona os sintomas nocivos do racismo, que podem se esconder diante da luta antirracista, mas que estão sempre latentes e não perdem nenhuma oportunidade de contaminar a sociedade como um vírus para o qual ainda não se descobriu vacina definitiva. Interessante notar como alguns participantes do BBB21 se tornaram rapidamente odiados por extensas parcelas da população devido aos erros que cometeram. Nesse sentido, é interessante pensar sobre o que o racismo fez e faz com a cabeça das pessoas, tanto a das que estavam dentro da casa quanto a das que estavam fora, tanto negras quanto brancas. Até que ponto o racismo afeta a saúde mental? E o que é necessário, além de acolhimento e escuta, para combater os efeitos venenosos desse mal? As consequências nocivas do racismo sobre a autoestima e autoimagem tanto da população preta como da população branca têm sido a preocupação de vários psicólogos(as) e psicanalistas. Com textos que levam em consideração a discussão acadêmica, mas que são compreensíveis para quem não é acadêmico, o livro “O Racismo e o Negro no Brasil” pode oferecer, em relação ao tema, reflexões resultantes da escuta psicanalítica e suas diversas modalidades.

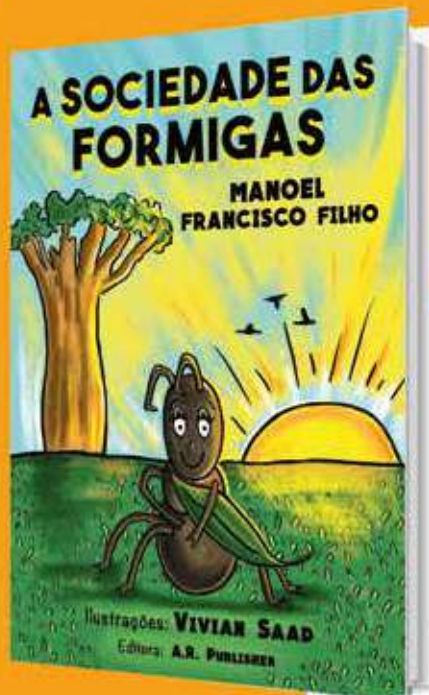
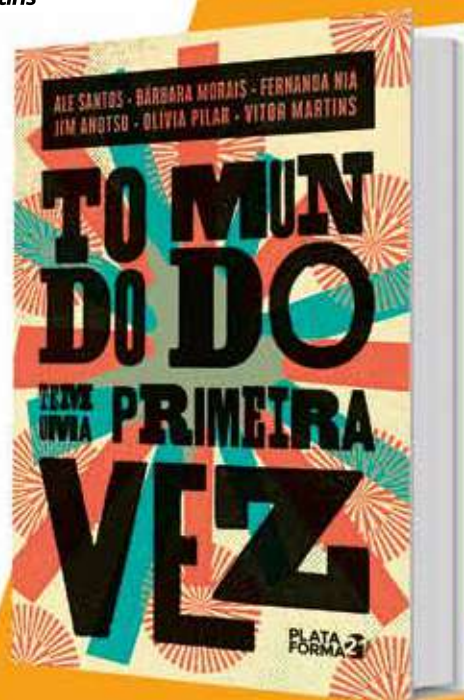
Maiores informações: [editoraperspectiva.com.br](http://editoraperspectiva.com.br)

## TODO MUNDO TEM UMA PRIMEIRA VEZ

Ale Santos, Bárbara Morais, Fernanda Nia, Jim Anotsu, Olívia Pilar, Vitor Martins

A infância e a juventude são épocas privilegiadas em que experimentamos certas coisas “pela primeira vez”. Os textos deste livro abordam essa época e essa sensação única de viver, de forma inédita, determinadas experiências. São seis contos longos que passam por temas como amizade, sexualidade, família, relações homoafetivas, enfim, abordam situações de descoberta ou mesmo de rompimento, como o primeiro ato de rebeldia ou o primeiro término de relacionamento. Há contos surpreendentes, como os de Ale Santos e Jim Anotsu. No texto Afrofuturista de Ale, o personagem Akin vive numa sociedade em que a tecnologia tem papel fundamental, mas a desigualdade ainda impera e a violência policial é dirigida contra os habitantes do “morro”, com o detalhe de os agentes da lei terem acesso às fichas dos seus “suspeitos” por meio de um dispositivo instalado em seus capacetes. É por isso que os rebeldes se multiplicam e mudanças são arquitetadas. Já no conto de Jim, o tempo vai e volta e é permeado pelas lembranças. Um homem e seu filho vão assistir a uma corrida de Fórmula 1. Enquanto o filho torce por um piloto brasileiro, o pai torce pela vitória do piloto Lewis Hamilton, e aos poucos vamos entendendo toda a carga dramática e de redenção que aquela vitória representa, todas as lembranças que ela evoca. O livro dirige-se ao público jovem e mostra como a experiência da primeira vez pode ser transformadora.

Maiores informações: <http://plataforma21.com.br/>



## A SOCIEDADE DAS FORMIGAS

Manoel Francisco Filho  
Ilustrações: Vivian Saad

Este livro conta a história de Dona Saúva, uma formiga operária que trabalha arduamente na esperança de um dia poder ganhar asas e voar mundo afora. Num dia de descanso, ela vai visitar antigas amigas e, ao percorrer o formigueiro, Dona Saúva vai observando algumas coisas. Por exemplo, cada formiga tem uma função, de acordo com sua característica física. Enquanto umas são operárias, outras são soldados. Ao chegar ao seu destino, Dona Saúva descobre que algumas de suas antigas amigas tinham morrido de tanto trabalhar e não tinham ganhado asas. Outras tinham se transformado em formigas aladas, ficando abaixo apenas da rainha. Dona Saúva se revolta. Por que só algumas formigas conseguiam o benefício das asas? Ela vai conversar com a rainha, e a partir daí as coisas se complicam ainda mais, porém Dona Saúva está disposta a estimular outras formigas a voarem com suas próprias asas, mesmo que seja em outros lugares. Sem perder a ternura, e de forma lúdica, o professor e poeta Manoel Francisco, usando a metáfora do formigueiro, leva o pequeno leitor e a pequena leitora a pensar sobre as divisões que existem no mundo. Numa bela edição, o infantojuvenil de Manoel é um estímulo à reflexão sobre o trabalho e sobre alguns aspectos da sociedade dividida em classes.


Maiores informações: [www.editoraarpublisher.com.br](http://www.editoraarpublisher.com.br)



Batom - Eudora Glam (vermelho fomalha)  
Pele - Cuidado- vitamina C (Simple organic)  
Fenty beauty ( cor 410)  
Glow ( simple organic)  
Máscara de Cílios Fio a fio Extension.  
Corretivo: Eudora Glam líquido.

# A beleza negra está em todos os tons

Texto: Camila Torres e Cauê Ranzeiro  
Fotos: Abner Ribeiro



Diversidade e multiplicidade são elementos que compõem a negritude desde o início. Quando nossos ancestrais africanos foram forçadamente aportados no Brasil, toda a variedade de culturas, corpos e identidades e etnias trazidas com eles foi reduzida pelo colonizador branco à condição de escravizado.

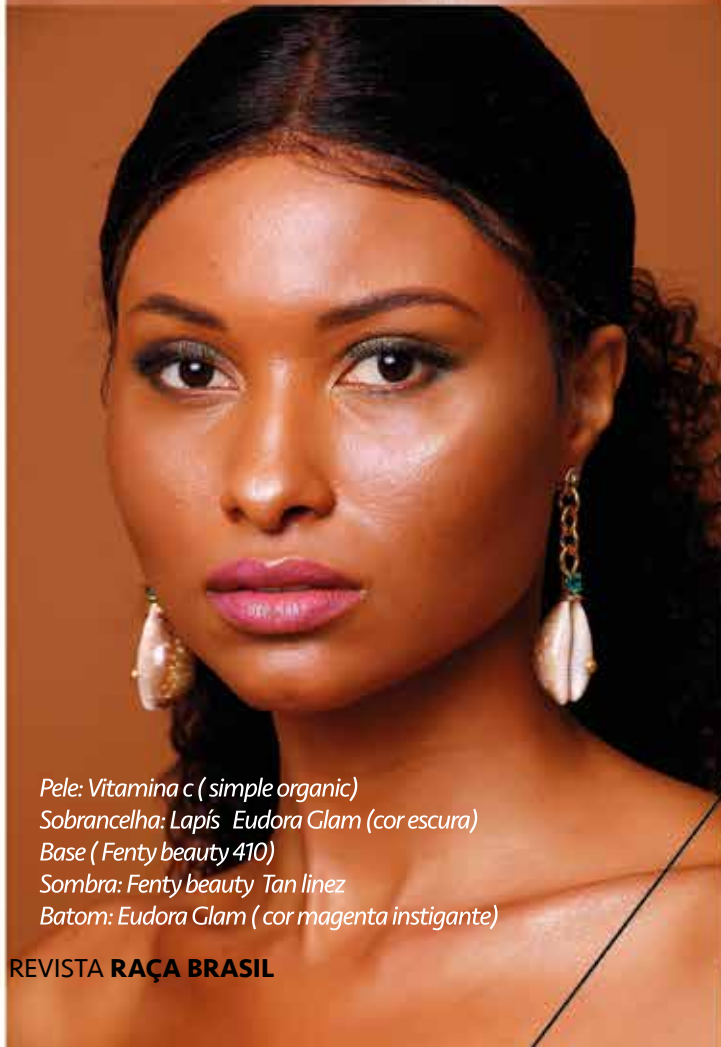
No Brasil, que ainda hoje é estruturado pelo racismo, persiste a ideia de que o fenótipo de pessoas brancas é o ideal de beleza a ser alcançado e valorizado. Por isso, quanto mais clara a pele, mais liso o cabelo, mais finos os traços, menos preconceito racial essa pessoa sofrerá. O colorismo é justamente isso, o tratamento diferenciado em razão do tom da pele e traços físicos. Trata-se de um mecanismo perverso, pois além de incentivar pessoas negras a tentar apagar suas marcas de negritude para serem mais bem aceitas socialmente, segrega e cria a ilusão de inserção da população negra nos espaços, enquanto mantém a exclusão de pessoas de pele escura.

*Pele: Vitamina c ( simple organic)  
Sobrancelha: Tint Glam Eudora Glam (cor escura)  
Base: Eudora Skin Perfection Cor 95  
Delineador: Caneta delineadora Ultra preto Eudora.  
Sombra: Fenty Beauty by Rhiana*





*Pele: Vitamina c ( simple organic)  
Sobrancelha: Eudora Glam (cor escura)  
Base ( Eudora skin perfection cor 30 )  
Sombra: Fenty beauty By Rhiana Cream blush  
Máscara de cílios fio a Fio extension  
Batom: Eudora Glam ( cor bordo profundo)*



*Pele: Vitamina c ( simple organic)  
Sobrancelha: Lápís Eudora Glam (cor escura)  
Base ( Fenty beauty 410)  
Sombra: Fenty beauty Tan linez  
Batom: Eudora Glam ( cor magenta instigante)*

Por muito tempo, pessoas retintas foram lidas como feias simplesmente por não se enquadrarem nos padrões da branquitude e a indústria da beleza fortaleceu esse preconceito. Por um lado, ao não comercializar produtos e cosméticos para nós, em especial as mais retintas - era simplesmente impossível encontrar uma base para o meu tom de pele -, e, por outro, ao oferecer produtos com a finalidade de nos tornar cada vez mais "embranquecidas", passei anos sem me maquiar por me recusar ao tom errado! Felizmente aos poucos isso tem mudado, as principais indústrias de beleza têm reconhecido nosso poder de consumo e a necessidade de também contemplar a parte preta da população, desenvolvendo produtos que respeitem nossa diversidade de tons, da pele negra mais clara à mais escura.

Quando falamos de beleza a partir de nós mesmas, devemos nos desprender da narrativa convencional e pensar na pluralidade de cada tom de pele, cada tipo de cabelo, de corpo e traços. Reconhecer o belo em nossa diversidade não é futilidade, é uma forma de enfrentamento, empoderamento e liberdade para sermos o que somos.

Nossa beleza não será mais definida por padrões outros, porque nos reconhecemos belas em toda nossa diversidade!

Para celebrar mais essa conquista e reconhecimento da mulher preta, preparamos para vocês um editorial lindo com vários tons de pele negra com dicas de maquiagem para vc colocar para fora a rainha que já é por dentro!



*Pele: Vitamina c ( simple organic)  
Sobrancelha: Tint Glam Eudora Glam (cor escura)  
Base ( Eudora) Skin perfection cor 70  
Sombra: Eudora liquida Soul Magic Vermelha.  
Batom : CC hidratante cor nude.*





Foto Jorge Garcia

# CLUB HOUSE

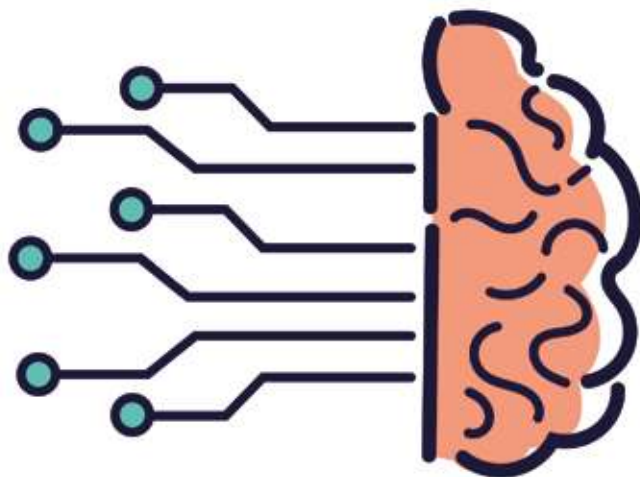
por Wesley Alisson

## NEURO-MARKETING APLICADO DIRETO NO SEU CÉREBRO

*Apenas convidados pode entrar nesse club exclusivo e mesmo assim você precisa ser do grupo do sistema operacional iOS (iPhone). Esse novo app está causando duas configurações extremamente importantes e primárias que está no nosso DNA Curiosidade e Senso de Exclusividade.*

### Por que que a gente tem essa curiosidade tão grande?

A ciência já comprovou diversas vezes que a curiosidade é um traço que traz uma série de vantagens para quem o tem, ela fortalece a inteligência e aumenta a energia e nos ajuda inclusive a nos defender ou buscar prazer em sobreviver, nesse caso só viver. Quando você gera uma curiosidade você gera também uma expectativa e só por ter a curiosidade o seu cérebro está fazendo você secretar um neurotransmissor do prazer a Dopamina. Você secreta a dopamina querendo este convite e quando você entra em um clube exclusivo, mesmo que você não goste tanto, só o fato de você ter essa sensação de exclusividade a sua mente faz secretar dopamina.



**“Os seres humanos são animais inerentemente sociais, e a maneira mais eficaz e eficiente de determinar se alguém é amigo ou inimigo é obter informações.”**

*Harvard Business Review*

Essa sensação de exclusividade de quem já entrou e que nos faz sentir melhor, é causada só na nossa cabeça e isso é o que o neuro-marketing faz na comunicação, são técnicas de marketing sensorial e isso não é errado, muito pelo contrário, é muito inteligente, e saber utilizar esta técnica de forma saudável é a mercadologia fundamental para o sucesso de qualquer negócio. Afinal, é a partir dos estudos e análises do mercado que torna-se possível adotar as estratégias mais adequadas para conseguir os melhores resultados.

## O que é ClubHouse?

Clubhouse é uma plataforma de mídia social, uma aplicativo apenas de áudio para ouvir e falar, como podcast só que ao vivo. Você pode ouvir discussões, apresentações de alguns dos maiores nomes do mercado de vários setores mundiais, tendo acesso a especialistas que normalmente custariam milhares de Reais para acessar.

## Como Funciona?

No Club não há imagens, nenhum vídeo e nenhum rio de conteúdo. A maior parte do que pode se ver lá é a formação das salas, os tópicos que eles estão discutindo e uma lista dos usuários que estão nas salas. Nestes espaços existem basicamente palcos virtuais onde alguém, ou algumas pessoas, estão conduzindo uma discussão ou apresentando uma palestra ao vivo. Você e outras centenas ou milhares de pessoas, estão ouvindo.

Não há dissonância na conversa porque o organizador da sala tem controle de quem pode falar e quando. O Clubhouse também parece um espaço relativamente seguro porque não há contas anônimas. Você se inscreve com seu nome verdadeiro e um número de telefone verdadeiro. Além disso, pelo menos por enquanto, você precisa ser convidado / indicado por outra pessoa. Se você quebrar as regras do Clubhouse, eles podem expulsar você e a pessoa que o indicou.

A conversa nas salas se parece muito com um podcast, é animado e divertido, não há nenhum registro da conversa ou seja tudo que é dito ali é em caráter de exclusividade e esse é o apelo do app. O Clubhouse também parece um evento digital, com incontáveis salas e conversas de nicho, algumas lotadas e outras com apenas alguns dedicados.

Criado no meio da maior pandemia mundial no ano de 2020 pela empresa Alpha Exploration Co., o app explodiu neste início de 2021 por causa de dois nomes gigantes do mundo empresarial: Elon Musk, da Tesla, e Mark Zuckerberg, do Facebook. Os dois apareceram em salas do ClubHouse para falar de mercado, setor financeiro, visão de sociedade, assuntos que de seus interesses.

A possibilidade de interação ao vivo foi o bastante para despertar o interesse de milhões de pessoas em todo o globo instantaneamente, a primeira vez que o Clubhouse entrou na lista de mais baixados do Brasil foi em 5 de fevereiro, um dia após as falas de Zuckerberg pelo app.

John Smith Williams  
/ Shutterstock.com

Frederic Legrand - COMEO  
/ Shutterstock.com



**ClubHouse**  
**@wesleyalisson**

## Como utilizar com meio de adquirir conhecimento?

O melhor caminho para começar bem é seguir os influenciadores já conhecidos de outras redes sociais, assim sempre que esses player do mercado estiver na sala você vai ser notificado. Quanto tiver em sala com seu player preferido, levante a mão para fazer perguntas pertinentes ao tema, como em um debate presencial, escute atentamente as dicas e conversas desses mestres do empreendedorismo pois é raro eles falarem assim tão abertamente com um público tão diluído.

Pessoas como Flavio Augusto, Tiago Nigro, Erico Rocha, Caio Carneiro, Deive Leonardo, Pablo Marçal entre outros, entram quase que diariamente, e suas salas que atinge a capacidade máxima questão de minutos, é um verdadeiro celeiro de conteúdo High Level. Essa "exclusividade" tem data para acabar, pois os desenvolvedores já afirmaram que vão expandir para o público em geral muito em breve.

Como diz o ditado "Quem chega primeiro bebe água limpa" aproveite a "exclusividade" para surfar nos conteúdos quentinhos que todo dia está sendo servido.

Se tiver por lá vamos nos conectar @wesleyalisson ;)



REVISTA

# RAÇA



REVISTA RAÇA



@REVISTARAÇA



@REVISTARAÇA



REVISTA RAÇA

**CADA DIA MAIS  
CONECTADA A VOCÊ**



## Chinelo Zkaya

O mais novo Chinelo Zkaya é uma peça 100% artesanal. Fazia tempo que queríamos um modelo mais versátil, mas que ao mesmo tempo tivesse numeração do 33 ao 44. Não encontramos solado da forma que queríamos e resolvemos cortar os nossos, por isso ele é 100% artesanal, e ainda tem garante estilo em todos os ambientes, com as mais diversas estampas exclusivas para os mais diversos gostos. Os calçados são confeccionados em sarja estampada, palmilha macia, solado em EVA antiderrapante, para garantir maior segurança e conforto ao caminhar.

[www.zkaya.com.br](http://www.zkaya.com.br)



## Kit Completo Siège Reconstrói Os Fios (Nova Versão) ★★★★★

O Shampoo Siège Reconstrói Os Fios possui espuma cremosa que limpa sem ressecar e prepara o cabelo para receber o tratamento. O Condicionador Siège Reconstrói os Fios reduz os danos já no 1º uso e garante cabelos ultra hidratados e macios. O Condicionador com ação ultra hidratante, desembaraça os fios imediatamente e garante cabelos mais macios e sedosos, recuperando totalmente os cabelos danificados. A Máscara Siège Reconstrói Os Fios oferece reconstrução total de danos, 3X mais força e fios ultra-hidratados em 5 minutos. É um tratamento intensivo para recuperar os cabelos imediatamente.

[www.eudora.com.br](http://www.eudora.com.br)





Vamos  
exaltar  
um pouco  
a beleza do

# Homem Negro?

Por: *Fernanda Alcântara* | Imagens divulgação Netflix

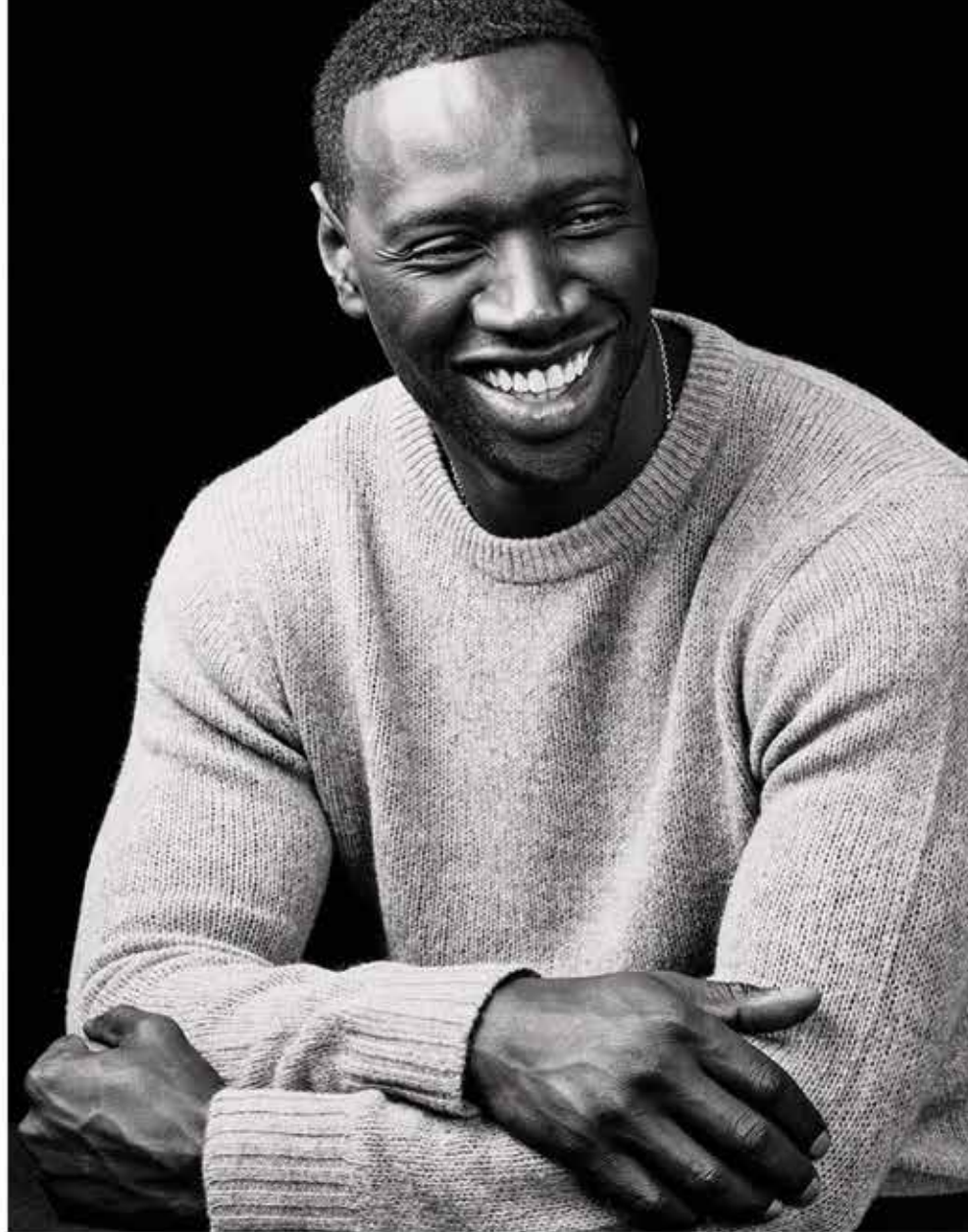


Sabemos que esta é uma edição do mês das mulheres, mas eu queria dedicar esta coluna para deleite de duas pérolas da Netflix e exaltação destes dois personagens incríveis, interpretados por dois atores belíssimos. Veja bem: não se trata de (hiper)sexualização do homem negro, assunto muito mais delicado e complexo do que esta coluna pode aprofundar, mas apenas a apreciação singela de dois atores que merecem todos os elogios que andam circundando a redes sociais.

Diante de tantas discussões sérias pelas quais o país (e o mundo) tem passado no último ano em suas desgraças, como liberação de armas, políticas genocidas, falta de leitos de UTI, prorrogação da quarentena, enfim, tudo isto que está colocado, é bom ter um descanso e flertar com esses programas e suas “alienações”. Em tempos em que até o BBB virou gatilho para temas tão profundos como saúde mental, a série *Bridgerton* apareceu como um refresco do mundo lá fora, bem do jeito de Shonda Rhimes, de construir mundo utópico, em que negros são protagonistas sem precisar de estereótipos ou levantar bandeiras.



Pessoalmente, sempre adorei essa linha pós-racial da Shonda: um universo em que o racismo parece já superado e que estamos livres para contar histórias, porque somos muito além da cor da pele. Mas isso é assunto para outro momento, afinal, estamos aqui hoje para exaltar a beleza de Regé-Jean Page, o duque (Simon Basset) na série. O ator britânico conquistou a simpatia do público por seu personagem que dificilmente vemos ser representado por um ator negro: forte, porém sensível. Um “Mr. Darcy” (personagem de Jane Austen de “Orgulho e Preconceito”): negro era tudo o que eu precisava na vida e não sabia. A personalidade é bem desenvolvida, tendo um passado e perspectivas de futuro, sem cair em apenas um “corpo negro” que fortalece a protagonista. Simon está ali para complementá-la. A sinergia dos atores também é ótima, o que deixa esse tom açucarado em uma história que sabe muito bem aonde quer chegar. Para quem gosta de produções de época, uma verdadeira preciosidade.



No caso de Lupin, a questão é muito mais interessante, pois o personagem realmente não tem o apelo sexual de Bridgerton: Omar Sy, ator que interpreta o protagonista Assane Diop, não aparece sem camisa uma única vez, para a tristeza de fãs mais sedentas. Mas só pelo fato de ser interpretado por Omar Sy já faz com que seu personagem seja um objeto de desejo, pessoalmente falando. Por ser fã incorrigível de Omar Sy, é difícil escrever um texto sóbrio sobre a qualidade (e necessidade) real que havia desta releitura do clássico arquétipo do ladrão de casaca, principalmente com um recorte de raça, classe e territorialidade como Assane apresenta. Neste sentido, Lupin vai muito além da representatividade, é quase sublime ver um homem negro neste papel, de inteligência ímpar. Não é só uma série bem produzida, bem dirigida e bem protagonizada: é um lembrete de que os nossos talentos são infinitos quando as oportunidades chegam até nós.

Embora sejam séries com interesses e temáticas distintas, o que aproxima Lupin e Bridgerton é este olhar do homem negro de que ele é e pode estar na posição que quiser, inclusive no imaginário romântico. Porque exaltar um pouco a beleza do homem negro, não faz mal a ninguém.





# “Bantus” *revela a África sem estereótipos*

Texto: Redação

O acesso mais fácil a informação e o constante trânsito de pessoas pelo mundo não foram capazes de romper com os estereótipos e preconceitos que o olhar estrangeiro ainda hoje observa o continente africano. Muito além das notícias sobre fome, pobreza e violência que, na prática, acometem o mundo todo de maneira geral, a África é, por maior que seja a resistência de um determinado grupo de pessoas, um celeiro vanguardista nos mais variados campos do conhecimento. Nas artes e na cultura não é diferente. Prova disso é a série de entrevistas “BANTUS”, que estreou no dia 04 de fevereiro, no canal de Youtube da Mood Hunter, estúdio de conteúdo criativo que ao lado do ator angolano Adilson Garcia, são responsáveis pela produção da série constituído de seis episódios.



O dia do lançamento da série é uma data significativa para Angola, pois marca os 60 anos da guerra pela independência do país. Com apresentação de Adilson Garcia, "BANTUS" mostra a força contemporânea da produção artística africana. Garcia conversa com artistas e personalidades de todo o continente africano na busca de descobrir qual é, e como é a África que eles querem mostrar para o mundo: a África hoje.

**"Essa troca de diferentes olhares e culturas resulta num programa que fala da África, mas que discute questões universais, que vão desde o papel da mulher na sociedade, ou os fantasmas que assombram os países colonizados até o desejo comum de artistas do mundo todo de chegar em Hollywood", afirma Garcia.**

Bantus é uma produção feita em plena pandemia do Coronavírus e tem a colaboração de profissionais do audiovisual de três países diferentes, Brasil, Colômbia e Angola que são justamente os países onde a Mood Hunter está presente. Rafael Barioni (Mood Hunter Brasil) e Adilson Garcia (Mood Hunter Angola) idealizaram o conteúdo. Essa é a primeira produção original do Creative Studio, que produz conteúdo para diferentes players: Disney, Sony Pictures, Warner Media, Facebook, History Channel e NBCUniversal.

## O que é **Bantu?**

O Brasil foi o país que por mais tempo e em maior quantidade recebeu africanos escravizados. Até o final do século XVII, três quartos dos africanos que aqui chegavam para o trabalho escravo vinham da região Congo-Angola. Pertenciam ao chamado mundo Bantu e a eles devemos muito do que somos e do que sabemos. Bantus é, portanto, uma palavra que busca aproximar povos irmãos, mas geograficamente separados

Adilson Garcia começou na publicidade, atuou em produções africanas de ficção. Como jornalista e apresentador, esteve à frente, na Tv Zimbo, dos Programas "Panorama" e "Repórter Zimbo" (Vencedor do prêmio Maboque 2014 De Jornalismo). É fundador dos projetos Marcas e Comunicação e Marcas e Negócios, voltados para a gestão e o empreendedorismo.

Rafael Barioni é criador das séries: Cinelab Aprendiz (Syfy/Universal Tv); Na Corrida (History Channel) e Missão Axn (Axn). Já dirigiu mais de 100 episódios de diferentes séries para televisão e campanhas premiadas para grandes marcas.

Imagem Divulgação





# Juventude negra & SUCESSO\$

**DJ HERON LOVE & MC SOFFIA**

*Por: Hamalli Alcântara - Fotos: Jorge Garcia/YBrasil*

Ser jovem e se olhar no espelho e entender que você não é "bonitinha" e sim uma rainha sempre foi bem difícil, mas MC Soffia ajudou a tornar isso muito mais fácil e comum na vida de milhares de meninas negras que não tinham uma representação na mídia, em canções e na vida!

Paulista de apenas 17 anos, MC Soffia é mundialmente conhecida pelas letras que falam sobre distorções sociais graves, como preconceito, racismo, machismo e que incentivam e evidenciam a beleza da mulher negra. Sua carreira começou quando a cantora tinha apenas 6 anos de idade. Nascida e criada em família de militantes, Soffia dá show de talento e representatividade.

Ao seu lado, a Raça traz outro sucesso da juventude. Heron (ou como é conhecido, Dj Heron Love) faz sucesso desde seus 20 anos, sempre presente nos principais eventos do país. Foi convidado a tocar ao lado de alguns grandes artistas internacionais como SouljaBoy, Lil' Jon, Ja Rule, Ching, Lmfao, Will. I.am, dentre outros. Héron Love hoje é considerado um dos melhores djs do país e do mundo e um dos mais procurados e requisitados pelo público. Já participou de grandes festas em países como Argentina, Paraguai, Estados Unidos (Miami e Los Angeles), e em praticamente todos os estados do Brasil.

Se a juventude tem este poder de trazer a esperança de dias melhores, trazemos nesta edição estas novas promessas de um novo tempo. Você conhece um pouco mais sobre eles aqui com a Raça.



## MC SOFFIA

### **VOCÊ COMEÇOU SUA CARREIRA ARTÍSTICA MUITO JOVEM. COMO FOI ISSO PARA VOCÊ?**

Começar minha carreira artística muito jovem foi um sonho realizado e que eu ainda estou realizando, eu pretendo alcançar muitos lugares. Meu sonho sempre foi ser cantora, mas não só cantar, também atuar, dançar, ser uma representante, e fazer muitas outras coisas no mundo da música, porque as pessoas que escutam as músicas elas também escutam as letras, existem músicas só para dançar, mas também há as letras.

Eu sempre trouxe o público jovem para os meus clipes, porque eu sentia muita falta, assim como a falta de pessoas pretas, coisas que eu queria ver nos vídeos. Então, por eu ter começado muito jovem foi o que me fez trazer mais a minha realidade, as minhas visões que eu tinha do mundo e o que eu queria passar para os públicos de todas as idades.

### **AINDA NESSA LINHA, MUITA GENTE COLOCA A SUA IMAGEM COMO REPRESENTANTE DE UMA GERAÇÃO. COMO É PARA VOCÊ ESSA RESPONSABILIDADE?**

Então, não é uma responsabilidade, é algo que todos devemos ter, temos que representar nossas nações. Por exemplo, vamos supor que eu tenho uma amiga preta que não está se aceitando e eu já me aceito, eu posso falar: "seu cabelo é lindo, você é linda", posso fazer com que as escolas comecem a falar da pauta de empoderamento. Acho que todos os jovens e adultos têm o direito de estar representando a nação, de mudar e melhorar o mundo em questão de respeito, de amor ao próximo e de outras pautas sociais como LGBTQI+, a pauta das mulheres, das pessoas pretas, entre outras. E nós devemos respeitar e representar a nossa luta, cada pessoa vai lutar do seu jeito. Para mim não é uma responsabilidade, é algo que está em mim desde criança. Sempre fui em marchas, minha família sempre me mostrou como eu deveria falar, o que eu deveria passar para o próximo - mesmo que se eu não fosse artista - então para mim é natural.

Sempre falei sobre isso na escola e depois que eu entrei na música, consegui fazer com que essas questões atingissem mais pessoas.

### **SUAS MÚSICAS ABORDAM TEMAS COMO RACISMO, MACHISMO E PRECONCEITOS SOCIAIS. COMO COMEÇOU A TER ESSA PERCEPÇÃO E OPINIÃO SOBRE ESSE ASSUNTO.**

Eu comecei a abordar esses temas porque são das nossas vivências. O racismo, quando nascemos em uma sociedade que está estruturada no racismo, nós, pessoas pretas, vamos sofrer infelizmente, porque as pessoas querem nos diminuir, querem se sentir superiores à nossa pele, ao nosso cabelo, à nossa autoestima. Eu sempre tive que saber lidar com isso, porque eu precisava saber as questões da minha cultura e saber como eu iria dar a volta por cima. Como minha família sempre foi muito militante, eu tive essa base familiar também muito forte.

Eu sempre gostei muito de esportes e de coisas mais radicais, e o machismo acontece nesses ambientes. Em uma sociedade machista, homens acham que são superiores a nós mulheres. Nós recebemos menos, não podemos sair com a roupa que queremos, somos sempre culpadas, então infelizmente eu tive que aprender a lidar com essas questões, e os preconceitos também. Desde pequena comecei a me estruturar melhor, se eu quisesse cantar, teria que passar esses temas nas minhas letras. Eu era criança, as crianças teriam que entender, mas os adultos também iriam escutar e eu teria que atingir todos esses públicos sobre empoderamento. Minhas letras estão em livros de escolas, conseguem usar os meus temas para ensinar outras crianças a irem se acostumando à sociedade em que vivemos. Mas eu espero que todos esses preconceitos passem e que nós possamos viver livres e tranquilos como seres humanos.







## MC SOFFIA

### QUAIS SÃO SUAS GRANDES INSPIRAÇÕES?

Minhas grandes e principais inspirações são Beyoncé, Nicki Minaj e Rihanna. Mas com a nova geração de cantoras eu estou gostando bastante da Lizzo, Normani, Iza e Ludmilla - essa eu sempre gostei também - porque são maravilhosas. E da MC Soffia também, minha maior inspiração (risos).

### EMPODERAR E OSTENTAR SÃO PALAVRAS SEMPRE REPETIDAS, COMO VOCÊ VÊ ESSES COMPORTAMENTOS?

No musical cada artista tenta abordar um tema que se identifica, principalmente no hip-hop que fala das nossas vivências e da nossa vida na periferia. Eu sempre adorei ver vídeos que mostrassem a ostentação, e meu sonho sempre foi ostentar como eu via nos clipes, mas eu não sabia a hora e nem se um dia eu poderia ostentar e ainda hoje eu ainda penso se vou conseguir ostentar. Mas desde pequena sempre via as pessoas jogando bolões de dinheiro e são coisas que gostamos de ver, mas não sabemos se vamos conseguir.

É um tema muito delicado porque, não só o funk, mas também outros estilos de música também ostentam, e eu acho uma maravilha, pois mostra o empoderamento e cada pessoa está conseguindo se empoderar e empoderar outras pessoas. Acho que quando as pessoas falam de empoderamento, elas devem empoderar as outras, mas com coisas que elas fazem. Então, se eu tô falando de uma menina preta, que eu tô me amando como uma menina preta, eu tenho que focar nisso, porque é uma coisa que eu gosto de passar nas minhas músicas e que faz parte do meu convívio. A maioria das minhas músicas é sobre empoderamento e eu não ostento ainda, mas eu gosto muito de falar de dinheiro, já que todo mundo gosta e precisa do dinheiro. No continente africano existiam países que eram ricos também em beleza, cultura e em questões de bens sociais. Eu acho que cada pessoa que escreve as letras pode mostrar o que quer passar nas suas músicas.

### QUAL A DICA QUE VOCÊ DÁ PARA QUEM ESTÁ COMEÇANDO AGORA?

Nós sempre vamos estar começando, sempre vamos estar descobrindo coisas novas, sempre vai ser um começo, vai passar o ano e você vai começar tudo de novo. Você vai tentar conquistar outro público, escrever uma música nova, vai querer ir atrás de outros ritmos, ouvir outros artistas com ritmos diferentes, você vai querer fazer participações com esses artistas. Então, minha dica é acreditar, não desistir. Às vezes não vai ser fácil, às vezes a gente estoura rápido, às vezes não, tem que ter calma, estudar bastante para ver se é isso que a gente quer, pensar muito bem como vamos tratar o nosso público, pois são eles que fazem com que nossa carreira cresça. Então, acreditar.

### COMO VOCÊ ESTÁ LIDANDO COM ESSE 1 ANO DE PANDEMIA UMA VEZ QUE OS SHOWS ESTÃO PARADOS.

Na pandemia eu tenho escrito bastantes músicas novas, ido atrás de referências, entendendo como eu quero meu show, como eu quero que minha carreira funcione, como eu quero meus clipes. Eu não estou fazendo shows, mas eu consegui fazer algumas *lives*, porque teve a época das *lives*, mas ainda faço *lives*.

Estou tendo aulas *on-line* porque eu ainda estudo, ainda estou no ensino médio; então não me fez muita falta, mas precisamos tomar todos os cuidados para que a pandemia passe e possamos continuar com a nossa carreira e com a nossa vida também porque o coronavírus não é brincadeira.

### VOCÊ HOJE É CAPA DA REVISTA RAÇA, MAS JÁ FOI DE REVISTAS COMO CAPRICHÔ. COMO VOCÊ VÊ O ESPAÇO DO NEGRO NAS GRANDES MÍDIAS? E O QUE SER CAPA DA RAÇA REPRESENTA PARA VOCÊ?

Sempre foi um sonho participar e ser capa da revista Raça. Eu sempre tive meus sonhos desde pequenininha e eu pensava o que eu queria alcançar, em quais programas eu queria aparecer, em quais revistas eu queria estar, e a Raça foi uma delas, porque era uma revista que eu via que as pessoas pareciam comigo porque eram pessoas pretas. Eu já fui até em premiações da revista, que eu amei bastante. E pra mim essa representatividade nas revistas, televisões e redes sociais está sendo tudo! Porque é a partir da representatividade que a gente começa a se olhar mais, que evoluímos e melhoramos, achando a outra pessoa preta bonita e se achando bonita, você quer mostrar pra sua priminha ou para a sua irmã que ela também é linda e mostrar referências, e a revista foi um caso. Porque antigamente, como minha avó e minha mãe diziam, só tinham pessoas que não se pareciam com elas, então tinha: "Como conquistar o *crush*" e o *crush* não era uma pessoa preta, a menina mais bonita não era uma pessoa preta, então isso vai fazendo com que nossa autoestima vire baixa autoestima. Então, a revista tem um papel principal nessa questão, já que lemos revistas para ver sobre moda, ver as pessoas, ver os artistas. E eu fiquei muito feliz e muito agradecida por estar na Raça, e que cada vez mais eu apareça em mais revistas.



## MC SOFFIA

### **E NA MÚSICA. VOCÊ VÊ O CENÁRIO FEMININO HOJE MAIOR? AS MULHERES TÊM TIDO MAIS ESPAÇO NO MEIO?**

No ramo da música são muitas mulheres que cantam, dançam e fazem tudo, nós estamos em todos os lugares, o que basta é que nos deem espaços. As mulheres devem cada vez mais se ajudar como nós estamos fazendo, uma levantando a outra, viu que uma cantou? Uma fez um lançamento? Ajudar a divulgar o lançamento da outra, chamar para fazer show. Acho que as mulheres têm que cada vez mais irem se ajudando, e os homens também, principalmente porque eles estão no poder da música, eles fazem o que querem nas músicas, se eles quiserem acabar com as mulheres eles vão lá e acabam, se não gostamos de uma letra temos que lutar para que essa letra não evolua cada vez mais, que é o que eu vejo bastante, letras em que homens acabam com mulheres e nós mulheres nos reunindo para dizer que não é assim, que a música não é assim, que você não tem que diminuir tais gêneros e tais pessoas.

Eu sempre gostei muito de seguir mulheres do movimento hip-hop, do funk, do axé, do dancehall, de todos os estilos, porque eu sou uma mulher e eu quero levantar muitas outras meninas que querem começar a cantar, principalmente porque as minhas maiores referências foram mulheres. Eu acho que o mundo da música em si é muito machista, mas existem muitas mulheres que estão aí na música e a gente vai, sim, ganhar muito dinheiro na música, fazer muitas pessoas escutarem nosso som e mostrar nossa realidade.

## DJ HERON LOVE

### **VOCÊ INICIOU SUA CARREIRA CEDO. QUANDO ESTOUROU TINHA APENAS 20 ANOS. COMO FOI PARA VOCÊ ESSE COMEÇO?**

O começo, como todos os começos, foi bem difícil. Eu comecei com essa história de DJ, eu tinha 15 para 16 anos e todos os DJs que eu conhecia e me espelhava já eram super DJs, então era muito difícil chegar perto desses caras. A gente tinha esse conceito de fazer várias festas nas casas dos amigos; era um final de semana na minha casa, outro final de semana na casa de outro amigo, aí passava um final de semana e a gente ia para casa de um amigo em outro bairro e assim eu comecei a tocar nas festas de casa. Nos anos 2000 isso era bem comum e meu pai era um dos homens de confiança da Chic Show, ele trabalhava com o Carlos Família, com o Fião, no Projeto Radial, no SambaryLove, e por intermédio do meu pai eu comecei a tocar no SambaryLove e no Projeto Radial, eu tinha 15, 16 ou 17 anos.

Ali eu comecei a criar uma experiência e ficar conhecido no meio dos negros, porque esses dois clubes eram redutos negros. Dali por diante eu comecei a tocar em várias dessas festas, só que não era só isso que eu queria, eu queria muito mais, queria abranger mais o meu caminho como DJ.

Só que para eu abranger esse caminho, para eu chegar nesse status de tocar em todos os lugares para todos os públicos era muito difícil. Na época os DJs com quem eu queria trabalhar junto eram muito grandes, eram muito gigantes.

Era muito difícil chegar até esses DJs que tocavam nesses superclubes, que saíam da atmosfera do mundo negro e já abrangiam São Paulo inteiro. Então, eu tive que fazer outro caminho que foi começar a tocar em outros clubes fora de São Paulo, que não eram habitados por esses super DJs. Aí eu comecei a tocar em outras cidades, no interior de São Paulo, comecei a tocar em Goiânia - que já tinham esses DJs, mas tinham uma abertura maior do que aqui em São Paulo para os DJs de hip-hop tocarem, pelo menos no nível em que eu me encontrava, que já era um nível alto no meio dos negros, mas que no meio do geral não era ainda. Então, eu consegui tocar em outros estados, eu fiz o caminho contrário de todos os DJs; eu fiz o caminho de fora para dentro, tive que ir pra fora de São Paulo, comecei a fazer um trabalho bem legal e comecei a ser notado dentro de São Paulo por fazer um trabalho fora dele. E quando eu tinha 20 anos, comecei a tocar em todos os clubes de São Paulo, clubes negros, de periferia, de classe média e de classe alta. Foi um caminho reverso que eu fiz, foi muito legal bem trabalhoso, bem trabalhoso mesmo, mas a gente conseguiu, com 20 anos eu já estava tocando nos principais clubes do Brasil.

### **LIDAR COM A FAMA MUITO NOVO TE AJUDOU A SER O QUE VOCÊ É HOJE?**

Sim, com certeza! Porque a fama pra mim só vem através do trabalho. Para eu conseguir atingir o *status* de ser famoso, dentro do meu segmento, eu tive que trabalhar bastante. E ter muita doutrina, uma doutrina lá do começo de não se viciar em drogas e em bebidas, de ser pontual, de entregar 10 vezes mais do que eu cobro, essa doutrina vem desde cedo. Isso me ajudou bastante a chegar aqui, hoje com 35 anos consegui ser mais maleável, consegui ser mais justo nas negociações, consegui ter o dom da negociação, educação para chegar em todos os lugares e ser bem recebido, consegui me deixar mais forte do meu âmbito de negro para chegar em qualquer lugar e ser um negro forte e respeitado. A fama precoce me ajudou a chegar hoje bem mais estabilizado emocionalmente e profissionalmente também.

### **COMO VOCÊ VÊ A PRESENÇA NEGRA NESSES ESPAÇOS MUSICAIS?**

O espaço musical que eu exerço é o espaço do rap, eu toco hip-hop, eu sou DJ de hip-hop; então, respiramos o negro, a gente se movimenta, a gente cultua, a gente toca; então, tudo envolve a cultura negra, pois o hip-hop é cultura negra.



## DJ HERON LOVE

Agora quando você fala da presença negra em casa noturnas, em festas, aí tem uma grande diferença, porque existe realmente um separatismo; quando eu toco na periferia, a maioria das pessoas são negras, elas curtem e seguem culturalmente o hip-hop e o rap de uma maneira extremamente enraizada desde suas formas de dança, atitude e até o consumo que é 100% hip-hop, 100% negro. Agora quando eu vou tocar em outros clubes de classes mais altas, aí já muda um pouco, a maioria dos clubes de classe alta são frequentados por brancos, eles também querem consumir a música negra e é uma forma diferente de consumo, é outra forma de curtidão, não tem muitos negros nesses espaços, infelizmente a maioria dos negros que frequentam esses espaços ou são modelos, DJs ou são seguranças. É muito difícil você ver um negro nesses espaços de clubes da alta sociedade curtindo sem ser artista, sem ser jogador de futebol, sem ser músico ou sem ser segurança.

É difícil você ver um negro indo lá apenas para curtir, um negro que trabalha com atividade não artística. Existem, mas são poucos. Agora, quando você fala de periferia, é um outro tipo de consumo, a maioria são negros, e cultuam a cultura de todas as formas, desde a dança até nas atitudes de convivência com as outras pessoas, de ter proximidade, de conversar, essa é a diferença.

### **FALE SOBRE SEU PROGRAMA AO VIVO NO TWITCH.**

Eu faço um programa na Twitch todos os dias de segunda a sexta, das 11h da manhã até as 13h e é muito legal, porque lá é um espaço em que eu consigo atingir todos os públicos, todas as idades, todos os tipos de pessoas e 90% ou 95% do meu set é de música negra, 95% do meu set é de hip-hop R&B, às vezes eu toco um samba, um pagode, às vezes eu toco um funk, uma música eletrônica. Mas 95% do set é de música negra, mais voltada para o R&B, hip-hop e rap, e é muito legal porque eu consigo atingir essa diversidade de pessoas e de idades ao mesmo tempo, então tá todo mundo envolvido ali, ao mesmo tempo que tem uma galera de Manaus, tem um pessoal de Tóquio, Londres, Zurich, São Paulo, enfim, eu consigo atingir todos eles e colocar todos para bater um papo no chat e isso é muito legal.

Essa é a parte mais legal na real, acaba que o meu programa da Twitch é bem dividido entre música e conversa - a gente conversa bastante fazemos essa conexão de todos os povos, de cada canto do mundo. E a Twitch me dá uma possibilidade muito legal, que eu uso muito, que é de interagir com outros DJs de outros países também, então a Twitch está sendo bem legal nesses novos tempos em que estamos vivendo e está sendo uma forma de sobreviver, não monetariamente, mas estando presente na vida das pessoas, já que a gente não pode estar na noite que é o nosso habitat natural, então a gente consegue manter a nossa imagem viva diante das pessoas que estão nos vendo lá todos os dias e a gente acaba virando a companhia das pessoas durante esse horário que a gente está on-line.



É muito legal essa conexão que eu tenho com as pessoas através da internet, foi uma sacada muito legal que a gente teve, até de fazer uma coisa semanal, que as pessoas podem contar com a gente naquele horário e eu estou bem feliz com esse trabalho que estamos fazendo *on-line*. E eu sei que isso vai fazer parte do futuro da nossa profissão de DJ. Acho que todos os DJs daqui a um tempo vão ter que ter o seu próprio programa *on-line*, o seu talk show *on-line* para a gente fazer o esquentar do que vai acontecer na festa.

Na verdade, são dois sentimentos diferentes, mas é aquele esquentar que você faz para, quando chegar a festa de noite, a pessoa já estar ansiosa para o DJ dela, para ela ver o DJ que ela vê durante o dia performando a noite.

### **O QUE É O OUTFIT E COMO VOCÊ VÊ O NEGRO NESSE CONCEITO?**

Outfit é a roupa que você está vestindo. Mas existe o mercado da moda e aqui no Brasil isso é um pouco complicado ainda porque, falando de moda, nós estamos seis vezes atrás dos americanos, e aqui no Brasil é muito difícil de o povo preto periférico conseguir seguir tendências dessa alta costura que você me perguntou, de luxo, enfim. Mas a moda não está somente nisso, a moda está em você, você faz a sua moda, você faz seu *outfit*, você faz a sua roupa e assim você consegue criar suas referências com as coisas que você tem. Você hoje, com a internet, consegue criar seu próprio outfit, com as coisas que você tem em casa, com um pouco de imaginação você consegue tirar bastante coisa legal. E foi assim que eu comecei com esse lance de moda, de praticar esse tipo de moda urbana, comecei de forma bem singular, bem minha, eu assistia clipes e filmes de hip-hop e eu sempre gostei muito da moda urbana americana, do jeito que os caras se vestiam e do jeito que as meninas se vestiam. Eu não tinha dinheiro para comprar as roupas que eu via nos clipes e então eu comecei a improvisar com as coisas que eu tinha em casa, obviamente não ficava do mesmo jeito, eu tentava trazer o que eles faziam no clipe para o meu mundo.

Eles gostam de usar roupa larga, eu comprava uma camiseta maior ou usava uma camiseta do meu pai ou da minha mãe e improvisava ali. E aí eu fui crescendo, tornei-me DJ, fui tendo uma condição financeira melhor e fui conseguindo consumir essas marcas de hip-hop de verdade, eu fui conseguindo comprar algumas coisas. Passou o tempo e algumas marcas de luxo como Louis Vuitton, Dior, Prada, Gucci entraram na moda urbana e colocaram também os negros dentro da diretoria como Virgil Abloh, que é um dos diretores da Louis Vuitton hoje em dia. Acho que em 2018 ele assumiu esse cargo, de diretor artístico da parte masculina da marca.

E aí com bastante tempo de carreira, com uma condição financeira maior, a gente começou a consumir esse tipo de marca. Então, na verdade, essas marcas de luxo enxergaram no *streetwear* um novo caminho para atingir os novos e ganhar dinheiro, e começou a ter pessoas negras como líderes dentro desse ramo, e pessoas negras líderes dentro desse ramo atraem outras pessoas negras também; então, eu comecei a consumir Louis Vuitton de verdade quando entrou uma pessoa negra, que

eu já gostava de outros trabalhos com sua própria marca, porque ele também é dono da *OffWhite*.

Hoje, pelo poder financeiro que temos, a gente consegue comprar alguma coisa dessas marcas, mas é bem difícil para o brasileiro, em todos os âmbitos financeiros, pois estamos seis vezes atrás do real valor do produto. Então, para o negro periférico brasileiro ele tem que usar bastante a imaginação para ele conseguir se enquadrar dentro da moda urbana hoje em dia, e para acompanhar essa nova moda onde os negros estão no poder dessas supermercados.

### **QUEM TE SEGUE E TE CONHECE SABE SOBRE SUA PAIXÃO POR TÊNIS. COMO COMEÇOU ESSE ENTUSIASMO?**

Eu sempre gostei de tênis, mas infelizmente quando eu era mais jovem eu só tinha os tênis que minha mãe comprava, que era um para a escola e outro para sair, não tinha muita opção, e era até uma questão educacional porque na época dos anos 90 a gente não tinha nem condições financeiras e nem tinha o porquê ter muitos tênis. Eu só tinha dois tênis, quando fiquei mais jovem, ali com 13, 14, 15 anos eu tinha um tênis branco que era o único e eu mantinha ele sempre muito bem cuidadinho, comprava uma tintinha branca para deixar sempre bem branquinho e eu era apaixonado por esse tênis. O mundo dos tênis tem muito envolvimento com o mundo do hip-hop, tem tudo a ver com o mundo do hip-hop e tem muita relevância, então quando eu comecei a ser DJ, eu consegui ter uma condição financeira um pouco melhor, e ganhar o meu próprio salário, comecei a ficar independente dos meus pais e comecei a comprar um tênis ali, outro ali, outro tênis aqui.

Comecei a estudar as histórias dos tênis, por que que aquele tênis existia, do que ele foi feito, a tecnologia, quem estava por trás, quem era o artista que representava esse tênis e quando eu me vi eu já estava aficcionado por isso, colecionando, comprando e viajando para comprar tênis. Teve viagens que eu voltava com 30 pares de tênis. Hoje em dia eu dei uma boa reduzida, porque consigo fazer um filtro muito maior; quando falamos de tênis eu consigo selecionar os tênis que eu, realmente, não compro mais por comprar, porque teve época que eu realmente comprava por comprar, mas hoje eu compro porque eu gosto, porque tem a ver comigo. E agora eu só mantenho a coleção, não engordo a coleção e é uma paixão que tenho, que me fez conhecer outros países, já que eu viajava atrás de tênis. Me fez fazer boas amizades, porque eu conheci muitas pessoas através do universo do tênis, porque é uma cultura muito grande. O tênis é só um detalhe, tem muita coisa por trás envolvida.

## DJ HERON LOVE

### **DOS PAÍSES ONDE VOCÊ PASSOU, ONDE VOCÊ ACHA QUE SUA MÚSICA TEM MAIS CRIATIVIDADE?**

Com certeza nos Estados Unidos, até porque a música que eu toco é uma música americana, o hip-hop nasceu nos Estados Unidos. Quando eu chego lá eu já ligo a rádio, eu já respiro hip-hop, já vejo o hip-hop em tudo que eu olho e com certeza os Estados Unidos é a minha melhor fonte de inspiração como DJ, e eu não tenho nem dúvida para falar disso.

### **SUA MÃE, MÓNICA, É MUITO IMPORTANTE E MUITO RESPEITADA NO MUNDO DO SAMBA. O QUE ESSA CULTURA REPRESENTOU NA SUA VIDA?**

Representou muito na minha vida, foi um dos primeiros contatos que eu tive com música ao vivo. Poucas pessoas sabem, mas eu já participei de bateria de escola de samba, eu era da Rosas de Ouro e desde criança eu participava da bateria, fiz shows com a Rosas de Ouro e shows importantes, teve um que nós fizemos no autódromo de Interlagos na primeira vez que o Ayrton Senna ganhou, nós estávamos lá, fui em programas de televisão, e poucas pessoas sabem disso.

É bem importante pra mim porque me trouxe diversidades, escola de samba tem um mundo diverso, tem todo tipo de pessoa, me fez entender que cada pessoa é única, que cada ser humano é um ser humano, que você pode ser homossexual e não tem problema nenhum, que você pode ser negro e é muito daora, que você pode ser branco e que pode participar. Minha mãe, os amigos da minha mãe, meu pai, meu padrasto, eles me ensinaram muito disso, e esse mundo de samba me mostrou que todo mundo pode ser o que quiser e a arte do samba é muito legal. Eu era fascinado por toda a arte que a escola de samba me mostrava, desde os carros alegóricos, as fantasias, os sambas de enredo, e isso foi muito legal pra mim e ajudou a formar o meu caráter. Esse convívio nas escolas de samba junto com a minha mãe me tornou essa pessoa que respeita a diversidade com muita naturalidade, e pra mim é muito gostoso saber que eu tive essa raiz.

### **O QUE FALAR AOS JOVENS NEGROS QUE TÊM VOCÊ COMO INSPIRAÇÃO?**

Eu tenho alguns lemas na minha vida e um dos que eu mais gosto é: se você cobrou 100 reais, entregue 1.000. Porque se você fizer isso, o cara que te contratou sempre vai te contratar, porque ele sempre vai achar que está na vantagem. Então é isso que eu sempre falo pra galera que me tem como inspiração, falo para entregar sempre mais do que ele cobrou e aquele clichê: não desista dos seus sonhos, essa é a pura verdade, se você tem um objetivo na sua vida estude para isso, busque informações, vá de frente com o problema, não desista, continue buscando informações. Eu tenho 20 anos de carreira como DJ e há 20 anos eu estudo, há 20 anos eu procuro saber mais coisas. Este ano, por exemplo, eu estudei muito sobre internet, sobre comportamento on-line, e essa é minha dica para jovens negros.

Eduque-se! Entregue muito mais do que você cobra, e não desista do seu objetivo nunca. E tenha uma alma boa, treine para ter uma alma boa, treine para ter um espírito que contagie as pessoas, profissionalize-se naquilo que você quer, profissionalize-se muito. Aquela história que nossos pais contaram para a gente não é mentira, e vai demorar uns bons anos para acabar, a gente tem que ser 2 vezes melhor, 2 vezes maior e isso não é um malefício, isso é um baita benefício para nós mesmos e para o nosso pessoal.

Eu vejo isso como um baita benefício, porque um dia quando as coisas se igualarem a gente vai estar um passo à frente.







# Afroafetividade, negros e negras na paquera

Texto: Moara Fotos: Divulgação

Afroafetividade é um conceito maior do que parece ao ouvirmos essa palavra. Afroafetividade envolve a complexidade das relações, emoções e paixões, tentando eliminar fatores subjetivos produzidos na sociedade racista que induz homens e mulheres negras a não se perceberem como possibilidades de sonhos, amores e construção de vidas.

Muito mais que pensar em namoro ou casamento, a afroafetividade é uma ação política e de empoderamento negro.

Lorena Ifé, 32, jornalista baiana, mãe de Ifé um menino lindo de cinco anos que a inspira. Ifé significa amor, pela força ela incorporou Ifé como sobrenome, daí surge o Afrodengo.

Nessa onda surgiram espaços virtuais de encontros, paqueras, conversas e namoros. Para melhor compreender esse novo movimento entrevistamos Lorena Ifé, criadora do grupo "Afrodengo", Jozi Belizario, administradora do grupo "Pretinter e Afrocentrados" e Roger Cipó, Fundador e treinador do encontro virtual "Tindó".

## O Afrodengo foi feito pra "pegação"?

Lorena Ifé - Então, eu até criei nessa intenção, porque tinha acabado de ficar solteira e na verdade, acabei ajudando mais as pessoas do que a mim mesma (risos). Mas sim, comecei a perceber que era um grupo também para amizades quando as pessoas vieram me relatar isso e fazer encontros, e aí foram se formando amigos, várias pessoas começaram a formar grupos e eu passei a ouvir relatos como: "Lorena, eu vivia no mundo da branquitude e o Afrodengo me salvou" (...) Não é sobre segregação racial, eu fui muito atacada no início, quando na verdade o que eu estava fazendo ali era encontrar um lugar de conforto e de acolhimento que as pessoas negras precisavam (...) as pessoas vão lá, postam uma foto e se apresentam dizendo de onde são, qual a pretensão, a gente também faz algumas brincadeiras de interação, tipo "diga alguma coisa que você gosta" ou "o que você procura?". Com o surgimento do grupo no facebook, as pessoas sentiram a necessidade de criar grupos no whatsapp, é uma coisa que a gente não gerencia, mas os membros criaram os grupos para poder fazer um encontrinho e poder conversar. Hoje o Afrodengo foi além, tem o grupo no facebook, no whatsapp! em outras redes sociais, tem outros grupos de nicho no facebook "Afrodengo LGBT" "Afrodengo para pessoas gordas", já vi "Afrodengo cristão" e aí é essa rede que tem várias outras redes que são utilizadas para promover esses encontros.

## Como o Afrodengo trata as questões de diversidade de gênero?

Lorena Ifé - Eu sou bissexual, vejo que aqui no Afrodengo tem apresentação desse público, eu acho que se sentem acolhidas, fazemos algumas brincadeiras mais voltadas pra esse público. Eu também estou no grupo LGBTQIA+, mas ele é bem parado, eu vejo que o povo gosta do grupão mesmo. Tem sim, os homofóbicos, com alguns comentários desnecessários em fotografias de casais homoafetivos, geralmente são homens, e aí a gente bane essa pessoa, porque não cabe pra gente! E também tem uma outra questão que gera sempre treta, que é a "não monogamia", criamos o "Afrodengo amores livres" porque sempre que existia essa discussão dentro do grupão, gerava um conflito. Os monogâmicos não aceitam a "não monogamia", eles defendem que as pessoas negras sofrem com a solidão, por isso esse é um tipo de relação que não cabe para as pessoas negras e eu percebi que pra gente é permitido tudo.



## Hoje qual o alcance do Afrodengo?

**Lorena Ifé** - O Afrodengo foi uma forma de ampliar a discussão sobre a afetividade negra, foi um grande pontapé para que influenciadores e mais pessoas começassem a falar sobre isso. Antes eu via que essa era uma discussão muito restrita, então hoje, eu chego na comunidade onde eu morei que é uma favela e as pessoas de lá também fazem parte do grupo, discutem sobre afetividade negra e assim a gente sabe que essa discussão tava muito no meio acadêmico. Então, o Afrodengo possibilitou que a gente co-criasse né, pra mim chegar nas comunidades é um ponto muito importante, é lá que estão as construções das famílias pretas e muitas vezes essas famílias pretas são geridas pelas mulheres negras.

Tem uma mensagem que eu quero deixar aqui: o amor preto não é a salvação para todas as coisas, relacionar-se com uma pessoa preta tem todas as coisas lindas e maravilhosas e também os desafios. Mas eu acho que o que o amor preto nos ensina é sobre cuidar, é sobre se escutar.



Jozi, 17,  
fundadora do  
Pretinder

## Como surgiu o Pretinder?

Surgiu na minha vida em um ano bem desagradável, na época eu estava vivendo um ano sabático. Um dia recebi diversas mensagens, porque um cara tinha feito uma exposição de um papo nosso, acho que foi em 2017 e na época a gente ainda não chamava de cultura de cancelamento, mas foi isso. Daí eu fui falar com o administrador na época, mas ele tava muito envolvido com os negócios dele e me perguntou se eu queria ser administradora do grupo. Aceitei. Na época tínhamos cerca de 10 a 11 mil membros. Como já havia o Afrodengo, que é um grupo ótimo, mas as pessoas vão ali pra falar de si e pra procurar relacionamentos, trouxemos uma outra proposta, a de construir relações de amizades e criar laços, a paquera é consequência.

## O que pretende?

O nome é Pretinder e Afrocentrado e a intenção dele é justamente a de, além da paquera, estar baseado nas relações de amizade, nessa questão do afrocentrar mesmo, é uma rede de apoio, a gente hoje troca vagas de emprego, sabe? A gente fala das nossas vidas e a partir daí surgem as propostas de relacionamento.

## Como é a adesão do público LGBTQIA+?

**Jozi Belizario** - Eles estão no grupo, mas são muito tímidos, eu não sei se eles não ficam à vontade, os meninos mais, as meninas menos, quando rola um post de interação, específico ou não, aparecem alguns, mas bem poucos, e quando os posts estão heteronormativos demais, alguns aparecem também pra questionar (risos), mas eles ficam só de olho, eles são mais discretos, as meninas então são as mais difíceis de aparecer.

## Quantos membros tem o Pretinder?

**Jozi Belizario** - O nosso primeiro grupo estava chegando a 18 mil pessoas, mas aí por um erro do facebook, que começou a pegar alguns posts e pontuar como discurso de ódio, frases tipo "ah eu odeio acordar cedo" e várias outras, foi fechado, tentei entrar em contato de diversas formas, mas não consegui. O nosso recurso está em análise desde dezembro, estou aguardando para recuperar. Depois de receber centenas de mensagens dos membros resolvi criar um reserva. Nós fizemos diversos testes, tenho os prints aqui, e outros registros, mas não tenho com quem falar. E esse grupo reservado criado em 25 de dezembro está com 700 membros, além dos membros do grupo no Telegram.

## E os feedbacks são positivos?

**Jozi Belizario** - Sim, muitos! De pessoas que ainda não tinham muita consciência racial, que entram no grupo por curiosidade e acabam se apaixonando por um ou uma militante e daí a pouco tá lendo Abdias Nascimento ou que se descobrem ali nos bate-papos do grupo, tem um casal lindo que é um menino trans e uma menina cis que se encontraram no grupo e estão sempre compartilhando momentos lindos com a gente e é muito legal esse encontro.





Roger Cipó, tem 30 anos e é natural de Diadema.

Fotógrafo, apresentador, escritor e influenciador, produz conteúdo para internet sobre questões das identidades masculinas negras e dos debates sociais com foco nas dinâmicas raciais.

### Como surgiu o Tindó?

**Roger Cipó** - O que me impulsionou a criar e a manter o Tindó é que de fato existe uma cultura, produzida pelo racismo, que distancia as pessoas negras, não só distância, mas que produz auto ódio, que produz a negação de afeto dentro dessa comunidade. É uma discussão que eu já faço há algum tempo e de alguma forma até teoricamente. Com o contexto da pandemia em que várias ações foram movidas para a estrutura de *live*, passei a fazer uma *live* primeiro pra falar sobre essas questões, e aí percebi que durante a *live* as pessoas estavam se conectando, inclusive flertando em comentários e tal, e foi aí que eu percebi e comecei no meio dessa *live* a convidar essa própria audiência para que as pessoas se apresentassem, se conhecessem, e foi tomando o rumo desse programa, assim, onde eu faço mediação e as pessoas se apresentam, dizem sobre seus interesses afetivos, têm a possibilidade de estabelecer contato e foi virando o que o Tindó é.

### É um programa de amor afrocentrado?

**Roger Cipó** - Primeiro eu gostaria de falar da diferença entre o amor preto e o amor afrocentrado, são duas coisas diferentes. O amor preto é basicamente o amor entre duas ou mais pessoas, que se reconhecem numa identidade negra, relacionando-se, isso pra mim é o amor preto. Agora, o amor afrocentrado é o amor em que duas ou mais pessoas negras têm os ideais da afrocentricidade permeando inclusive o relacionamento, afrocentricidade é uma perspectiva aí, um paradigma de pensar e de agir tendo não só a África como um sentido de pensamentos e de filosofia, mas no centro das nossas ações, no centro da construção da nossa subjetividade e na forma com que a gente percebe o mundo.

### E a comunidade LGBTQIA+, se sente à vontade para participar também?

**Roger Cipó** - Cara, assim, o Tindó tem essa proposta de que seja um lugar para pessoas pretas, independente da identidade, mas eu não posso ser leviano e não dizer que o Tindó, como todos os outros espaços, precisa se mobilizar para que se torne um espaço em que a comunidade LGBTQIA+ se sinta confortável. O Tindó tem se mobilizado a todo momento, inclusive garantindo a presença, não só na perspectiva do flerte, mas também já tivemos várias discussões com homens e mulheres trans sobre questões de afeto dentro da comunidade T; tem uma galera gay, lésbica, bissexual sempre presente também, a gente já fez uma discussão sobre a não binaridade e aí a ideia é essa, como todo espaço que precisa ser tencionado, é tencionar e tornar esses espaços para pessoas pretas para além das suas identidades. Então, por não ser alguém dessa comunidade, eu não consigo afirmar se essas pessoas se sentem à vontade ou não, o que eu tenho visto é que ao longo do Tindó a gente tá conseguindo criar espaços seguros para que as pessoas pretas existam dessa forma e na construção mesmo a gente vai buscando tornar cada vez mais seguro.



**PROF. DR. EDUARDO  
ALVES DE OLIVEIRA**

## **ECONOMIA E LIDERANÇA QUAL A RELAÇÃO?**

***Muito é dito a respeito de liderança, mas pouco é dito a respeito da relação que existe entre liderança e economia. Embora pareça algo simples, é mais complicado do que imaginamos.***

Ao pensarmos em liderança, algumas vezes nos vem à mente a ideia de uma estrutura hierarquizada, militarizada ou simplesmente uma liderança popular de nosso bairro ou cidade. Uma coisa é certa, liderança tem muita relação com nossas emoções: medo ou segurança.

Há líderes que atuam gerando medo e com base em recompensas imediatas, criam um ambiente de desconfiança. Afinal, o medo guarda relação com o desconhecido, com a possibilidade de algo negativo acontecer. Isso nos deixa desconfiados, inseguros.

Há líderes que atuam gerando segurança e, com base em recompensas de longo prazo, criam um ambiente de confiança e orientam com um propósito. Esse contexto permite um entrosamento melhor entre os membros do grupo, fazendo com que todos fiquem mais à vontade para expor suas ideias, seus anseios e suas perspectivas.

A liderança tem essa capacidade. Conforme comprovação científica, a ausência de medo faz com que as pessoas performem melhor em tarefas cognitivas que exigem raciocínio analítico, por exemplo.

Liderar não é uma tarefa trivial, sob o ponto de vista corporativo, e exige a necessidade de uma atitude para a calibração. Muitas vezes o desafio atribuído a um membro da equipe não pode ser alguém de sua capacidade, para que não exista tédio; e nem pode ser muito além da capacidade, para que não gere estresse. Isso exige conhecimento, atenção aos detalhes e trabalho. Todos têm qualidades que podem ser úteis agora ou amanhã.

E qual é a relação disso com a economia? A liderança que não tem por base o medo, gera segurança. Essa segurança enseja um sentimento de confiança. E a confiança, por sua vez, melhora a comunicação entre as pessoas, resolve tensões de maneira mais natural e permite que todos evoluam. A confiança reduz custos de transação. A autenticação de uma assinatura nos Estados Unidos é gratuita, no Brasil isso tem um preço.

Quando existe segurança de que as instituições vão atuar de acordo com as expectativas, esse ambiente de confiança é fomentado. Pergunta: como as instituições fariam isso? Judiciário atuando de maneira tempestiva, com decisões coerentes e sólidas, por exemplo. Legislativo propondo regras percebidas como justas. Ou, até mesmo o Executivo propondo um programa sério e consistente de vacinação.

Liderança pode sim criar um ambiente de cooperação e que reflita em menores custos de transação, taxas de juros mais baixas e em contratos cumpridos adequadamente. Esse desejo é antigo. Afinal, já clamava o cantor: "Brasil, qual é o teu negócio? O nome do teu sócio. Confia em mim".







ZULU ARAÚJO

## TEM MULHER AFRICANA NA OMC

A nigeriana Okonjo-Iweala, ex-ministra das finanças da Nigéria, acaba de ser indicada por unanimidade para a Direção Geral da Organização Mundial do Comércio (OMC). Esta é a primeira vez que uma mulher e africana assume o posto mais alto desta organização multilateral de fundamental importância para a regulação do comércio internacional, em particular para os países em desenvolvimento como o Brasil e, mais ainda, para o continente africano.

Detalhe importante, ela só conseguiu a indicação após a vitória de Joe Biden e Kamala Harris para o Governo norte-americano, visto que o Governo Trump a havia vetado sumariamente para o cargo. Isso revela a importância da vitória dos democratas não só para os Estados Unidos como também para o revigoramento dos tratados multilaterais.

A OMC (instituição do Sistema ONU) foi criada em janeiro de 1995, com o objetivo de regulamentar e supervisionar o comércio internacional. Possui atualmente 162 países membros, dentre eles o Brasil e busca servir de fórum para dirimir conflitos de ordem comercial, que não são poucos. É regida por princípios importantes, tais como: o princípio da não discriminação, que impede o tratamento diferenciado aos produtos internacionais em relação aos nacionais, da Concorrência Leal que visa garantir um comércio internacional justo e o princípio do Tratamento Especial e Diferenciado para os países em desenvolvimento.

Claro que as grandes potências, notadamente os Estados Unidos, possuem forte influência na organização e não raro desequilibram suas decisões em favor dos seus interesses, mas a presença de uma representante africana na sua direção pode, não só simbolizar um novo momento do trabalho da OMC em relação à quebra de paradigmas discriminatórios, como também um olhar e ações mais sérias quanto aos interesses comerciais do continente africano e dos países em desenvolvimento.

Neste sentido, é importante lembrar o alerta que o cientista político camaronês Achille M'Bembe nos faz no seu já antológico artigo "A Era do Humanismo está Terminando": "As desigualdades continuarão a crescer em todo o mundo. Mas, longe de alimentar um ciclo renovado de lutas de classe, os conflitos sociais tomarão cada vez mais a forma de racismo, ultranacionalismo, sexismo, rivalidades étnicas e religiosas, xenofobia, homofobia e outras paixões mortais". Portanto, não nos custa nada acreditar na possibilidade de que uma mulher africana num espaço de poder como o da OMC possa contribuir para que essa profecia não se consuma.

Por outro lado, todos nós sabemos que as ações predatórias dos grandes conglomerados empresariais nos países em desenvolvimento, e em particular no continente africano, tem sido a maior razão do aprofundamento das desigualdades econômicas e sociais no mundo atual. E, mais uma vez, é M'Bembe que nos alerta para o papel da política e dos políticos nessa quadra que estamos atravessando: "Neste contexto, os empreendedores políticos de maior sucesso serão aqueles que falarem de maneira convincente aos perdedores, aos homens e mulheres destruídos pela globalização e pelas suas identidades arruinadas".

Enfim, é com essas duas observações em mente que saudamos a Dra. Okonjo-Iweala, por sua vitória e desejamos, além do sucesso administrativo na sua gestão, que a mesma também alcance o sucesso político na redução das desigualdades de gênero e raça, bem como econômica e social.



Crédito editorial: Debby Wong / Shutterstock.com

***Toca a zabumba que a terra é nossa!***

*always  
inspiring more...*

**symrise** 

“

# **COSMETICS INGREDIENTS FROM SCIENCE TO DREAMS**

**Ingredientes cosméticos desenvolvidos para todos**

”







# BBB21

Texto: Evandro Calisto

**SURPRESAS E REFLEXÕES:**

***A Rede Globo ao publicar os participantes do Big Brother Brasil 21 trouxe uma novidade: nove entre vinte participantes eram negros. A casa foi dividida em duas partes, o camarote, ocupado por famosos, e a pipoca por anônimos. De negros no camarote havia Karol Conká, Camilla de Lucas, Pocah, Nego Di, Lucas Penteadado e Projota; na pipoca Lumena, João Luiz e Gilberto, embora nem todo mundo no Brasil conhecesse os famosos, todos os candidatos se preparam com profissionais de várias áreas para enfrentar o confinamento.***

Inicialmente os movimentos de representatividade negra esboçaram felicidade pelo percentual de negros. Afirmaram que este fato advém das lutas por inclusão na TV, movimentos antirracistas e as discussões sobre racismo estrutural. Contudo, em menos de duas semanas, atritos entre os participantes fez com que a atenção se invertesse. Tudo começou com alguns problemas entre Lucas Penteadado e duas *sisters*. Para quem não lembra ele foi líder no movimento estudantil que aconteceu em 2015 na capital São Paulo. Na festa seguinte, o mesmo sugeriu que os negros se juntassem num grupo étnico para rivalizar com os brancos na busca da vitória.

A proposta não foi aceita e gerou desconforto entre os membros, transformando-se em ações nada amistosas contra Lucas.

A postura do grupo foi percebida como cruel e demasiada. Para tudo que ele fazia existiu represálias severas, por exemplo: quando tentava explicar para Lumena, a baiana, Dj e mestre em psicologia social, o porquê gostaria de juntar os negros na casa, ela respondeu que *"Eu não quero ser palco para você ser Zumbi dos Palmares (...) eu não vim aqui para você me fazer de palco"*. Na festa seguinte Lucas Penteadado outra vez surpreendeu, protagonizou o primeiro beijo gay da história dos realitys. O ato foi encarado pelos colegas como uma encenação para ter popularidade. Daí começou uma severa crítica sobre cada ação e movimento do então chamado "menino", por ter 24 anos e ser um dos mais novos.

Lumena, que entrou no programa se dizendo defensora do grupo LGBT+ e da causa negra, criou certa perplexidade quando, depois do beijo em Gil, Lucas foi pedir conselhos, já que ali tinha assumido a bissexualidade, e Lumena afirmou para todos que *"Lucas tá usando os pretos para se autopromover. Primeiro foi uma agenda racial e agora uma agenda LGBT. Eu não fico falando da minha mulher e sou sapatão (...) Eu não quero ser palco para a sua performance (...) você é falador e falador passa mal. Enquanto você não for fazedor da verdade, eu não vou ser palco para a sua palestra. A minha escuta é muito cara, eu te dei de graça"*

Outro momento, que chamou atenção com ânimo exaltado, Karol Conká, rapper, produtora, modelo e apresentadora, impôs na hora do almoço alguns impedimentos para permanência de Lucas à mesa: *"Quero comer na paz do senhor, entendeu? Não quero que você fale enquanto estou comendo. Me respeita (...) você não sabe calar a boca então é melhor sair mesmo. Vá à merda, se faça de louco lá fora, pede para sair. Já deu (...) O cara não cala a boca. E eu não vou chamar ninguém para comer, ele que adivinhe a hora que eu terminar. Se fosse louco não estava aqui dentro. Só vai comer quando eu sair da mesa, qualquer coisa me bota no Paredão (...) se ele faz tortura psicológica também posso fazer"*



Tudo aconteceu em duas semanas, e no fim da segunda Lucas pediu para sair do programa, fato que criou uma comoção nacional de empatia e acolhimento. Talvez tenha tido na saída o mesmo impacto que os ganhadores recebem na vitória.

Críticas pesadas começaram a acontecer contra os residentes da casa vigiada, mas dentro o grupo continuava em destempero gerando um policiamento severo da sociedade, a ponto do programa se tornar o assunto mais comentado nas redes sociais. Em um determinado momento Negro Di, comediante gaúcho e integrante da casa, fez deboche sobre uma fala de Lucas Penteadado que enaltecia a força do Orixá Xangô. A brincadeira foi considerada por todos aqui fora intolerância religiosa. O país estava surpreso por saber que os integrantes são defensores da igualdade, militantes das causas de defesa à minorias, tendo comportamentos tão dispares.

O BBB é um jogo que requer estratégia e inteligência. Contudo, todos concordam que os jovens passaram do limite aceitável da responsabilidade e respeito, não só para as causas que defendem, mas por humanidade e ética. De forma inusitada o programa de TV trouxe à tona discussões internas dos movimentos de representação, quanto as suas práticas e como conceitos fundamentais estão sendo elaborados pela juventude. Alguns intelectuais se recusaram a fazer qualquer tipo de análise, alegando que o programa sempre foi um desserviço. Seja qual for a conclusão temos que admitir que a vida virtual e as construções artificiais da sociedade como aplicativos de interação, exibição de pessoas, redes de namoro, relacionamento e realitys shows, a cada dia influenciam de forma potente as pessoas no seu dia-a-dia. Eis a nova realidade.





## ***Vozes femininas do Mercado de Luxo***

Fotos Alberto Tomaz

Mais do que compreender esse mercado, queremos trazer para o leitor, a visão dessas duas mulheres pretas, que estrategicamente vem ocupando espaços como o mercado de luxo, um mercado que antes era majoritariamente consumido por pessoas brancas.

Ana Paula Fernandes, nossa editora de moda apresenta: Karine Amancio – Relações Públicas, e Luisa Brasil Jornalista e Comunicadora.

Óculos Kate Spade para Safilo; Bracelete SWAROVISK; bolsa PRADA acervo CAPRICHÓ À TOA; Vestido TOMMY HILFGER; Salto BOTTEGA VENETA acervo Capricho à Toa; cinto e luvas acervo stylist



Lenço HÉRMES; brincos GUCCI; casaco e calça TOMMY HILFGER; tamanco MIU MIU acervo Capricho à Toa.

Karine Amancio, 33 anos, é jornalista e comunicadora social formada pela Universidade de Ribeirão Preto. Paulistana, atua há 9 anos no mercado e já foi repórter, apresentadora e âncora de telejornal no interior de São Paulo. De volta à capital, trabalhou por 4 anos como assessora da Alexandra Loras, ex-consulesa da França no Brasil, onde colaborou no desenvolvimento de diversos projetos com a temática racial. Entre os mais relevantes, um editorial para a Vogue Brasil em agosto de 2016, onde apresentaram a ideia de um 'Mundo ao Revés'. Também neste ano criaram o TEDx "Mulheres que Inspiram" com 99% de palestrantes negras. No ano seguinte colaborou na idealização do "I Fórum de Protagonismo Feminino". Atualmente é relações públicas na JHSF, uma holding com diversas empresas do segmento de luxo. Sua atuação está diretamente ligada a moda, onde integra o time de relações públicas a frente dos shoppings Cidade Jardim, CJ Shops Jardins e Catarina Fashion Outlet. Além das marcas de *retail* da companhia como Balmain, Chloé, Emilio Pucci, Isabel Marant, Celine, Inès de La Fressange, Brunello Cucinelli, René Caovilla, Aquazzura, Gianvito Rossi, Monnalisa, ente outras.

#### **BIO LUIZA BRASIL**

Luiza Brasil, 32 anos, é jornalista e comunicadora social formada pela PUC-Rio. Nascida em Niterói, Rio de Janeiro, é idealizadora do Mequetrefismos, plataforma de conteúdo que tem como objetivo impulsionar a partir da informação pessoas, projetos e trabalhos com foco no protagonismo negro, principalmente na indústria criativa da moda, música e artes. Colunista da Glamour, em sua Caixa Preta debate sobre questões de raça e gênero. A comunicadora começou o trabalho com moda em 2008 no RioETC, site de estilo de rua do Rio e em 2012 virou braço direito de Costanza Pascolato, em São Paulo, atuando em seu digital. Entre as premiações recebidas por Luiza Brasil está o "Influenciadores Sociais Contra o Racismo" (Influencers Against Racism) pela Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro e o Prêmio Geração Glamour - Woman of the Year, realizado pela Glamour e o MTV Generation Change. Luiza também já atuou enquanto palestrante no TEDx em uma importante fala sobre Pertencimento e Negritude.



**Luiza Brasil Pergunta:** Com essa vivência de mercado de luxo, pessoal e também profissional. Quais são os desafios da comunidade negra brasileira que está em ascensão nesse momento?

**Karine Amancio** - Graças aos movimentos que a comunidade negra vem fazendo e se reestruturando dentro da sociedade muita coisa vem evoluindo nos últimos anos. Mas obviamente muito ainda precisa ser feito. Na minha opinião é preciso descolonizar a ideia de que algo não é para nós ou de que não podemos ocupar espaço x ou y. Sabemos que o preconceito existe e fere física e mentalmente, mas é algo que precisa ser mudado. Vamos nos deparar com uma comunidade branca onde a maioria não está acostumada a ver negros em posição de poder e destaque. E cabe a nós estrategicamente mudar essa visão e ocupar esses espaços para que se normalize a figura do negro em qualquer ambiente. Precisamos também sempre que tivermos chance ser agente transformadores dentro dos ambientes que estamos inseridos seja ela social ou profissional.

Existe uma pesquisa do Instituto Locomotiva que afirma que a população negra responde por 40% do total de consumo do país anualmente, isto é, cerca R\$ 1,9 trilhões. Então temos poder de consumo, mas falta nos enxergarmos nesses ambientes. E Renato Meirelles presidente do instituto Locomotiva afirma que "Se os negros passarem a ganhar a mesma quantia que os brancos teríamos 808 bilhões de reais a mais na economia brasileira. Se não for por uma questão de justiça social que seja por Inteligência. A desigualdade racial atrapalha a economia nacional". Essa fala dele é marcante, acho importante essa consciência. É primordial que se normalize a presença de corpos negros em ambientes de luxo. Tanto representados em publicidade como na oferta de produtos atendendo as especificidades da população negra. Precisamos nos enxergar e ser representados para consumir. Acredito que isso vem mudando bastante, mas ainda há muito a ser feito no Brasil. Mas existem marcas e empresas trabalhando ativamente para esta mudança.

**Luiza Pergunta:** O que você acredita em termos de Brasil serem os próximos passos desse mercado para que nos faça pertencer mais. Você enxerga uma expansão de vagas no mercado de luxo e também novas perspectivas com designers pretos?



Brincos GUCCI; vestido ARTE SACRA; botas FENDI, bolsa LOUIS VUITTON acervo Capricho á Toa.

**Karine:** O pertencimento real será alcançado quando forem oferecidas oportunidades iguais. Felizmente vejo uma movimentação boa de mercado nesse sentido. Acredito em grandes mudanças a médio e a longo prazo pois muitas empresas conseguem enxergar hoje o talento e rentabilidade que os designers pretos oferecem ao mercado. Com o crescente investimento em economia criativa muita coisa irá mudar. Além do alto poder de consumo da população negra. O que falta novamente é oportunidade de mostrarem seus talentos e a sua intelectualidade. Em relação a contratação no mercado de trabalho, fico muito feliz em ver grandes empresas entendendo que não podem esperar da população negra currículos com habilidades como falar diversas línguas e ter estudado fora do país. Por conta do racismo estrutural, essas são oportunidades que nunca foram dadas para a maioria desse povo. Isso abre possibilidades para pessoas geniais que nunca teriam chance de trabalhar suas habilidades mostrem seus talentos. É preciso estar aberto a realmente querer fazer a diferença e reparar erros históricos para que não sigamos sem mudar o rumo da história. Empresas que contam com consultoria em diversidade estão a frente quando se trata de reparar essas questões no âmbito corporativo. O mundo em que vivemos hoje não é o mesmo de 5 anos atrás e não será o mesmo daqui 5 anos. Isso me deixa com esperança nessa mudança que vem acontecendo.

**Karine Pergunta:** Como uma das maiores influenciadoras negras do Brasil, que conselho você daria a pessoas que querem seguir este caminho e se inspiram em você?

**Luiza Responde:** Para mim o grande trunfo é mais do que reproduzir os formatos que já existem de luxo e de moda e termos o nosso formato e não ser meros reprodutores. Até mesmo na forma como a gente pensa e debate o luxo. A minha grande chave para estar nesse mercado tão confortável e tão bem e isso não me intimidar é porque estou nele a partir de uma visão que estou construindo de mim mesma e até mesmo do que eu entendo como luxo. E não através do luxo tradicional da maneira mais óbvia de se enxergar. Para nós pessoas pretas que lutamos pelas nossas conquistas e bens materiais, luxo para mim e poder escolher em que bairro quero morar em que tipo de casa, ter esse tipo de conforto. Precisamos sair dessas amarras desses códigos tradicionais eu não quero caber no que o luxo diz que é luxo para mim. Precisamos nos sentir confortáveis com nós mesmos. Para também não cairmos nesses gatilhos de querer ter tudo e achar que luxo é sobre ter a marca X ou Y e gastar tubos de dinheiro com roupa e viver endividamentos materiais. Isso não é luxo. Ter o lugar de consciência e ter esse lugar autoral e primitivo de quem você é. Creio que esses sejam pilares importantes para que no meu caso eu consiga subverter e consiga estar nesse patamar de conversa com as marcas que vem de fora. Foi muito importante inclusive ter o reconhecimento da Dior global e receber um convite escrito a mão em minha casa. Isso para mim é luxo ser reconhecida desse lugar, porque a marca está observando os meus movimentos e reconhece o que eu faço. É sobre as minhas ideias sobre o que construí com a minha imagem tudo feito com muito amor, verdade e essência.

**Curadoria de Talentos em Moda, Beleza e Lifestyle:**  
Yakini Rodrigues

**Produção executiva:** Rosana Mendes(Th Models)

**Foto:** Alberto Tomaz

**Beleza:** Jhonny Bodonni

**Assistente de beleza:** Beatriz Alves e Ana Clara Alves

**Hair:** Preta Brasileira

**Cenografia:** Quilombo

**Cenografia Styling e Direção criativa:** Nana Milumbé

**Assistente de produção:** Bárbara Jadeh

**Casting:** Ford Models

**Studio:** Th models([www.thmodels.com.br](http://www.thmodels.com.br))

**Coordenação Geral:** Ana Paula Fernandes.



YACY VESTE: colar GUCCI; macaquinho FENDI;  
sandália DOLCE&GABBANA acervo CAPRICHIO  
À TOA, legging acervo stylist.



# EUNA RAÇA



Foto: Forge Garcia

## ZURI

Com apenas 1 ano e 6 meses de idade, Zuri traz em si a ancestralidade africana e reflete essa cultura nas pequenas peças de roupa que usa no dia a dia. Nascido em berço de uma família negra que cultua tais referências, o pequeno é ensinado desde o nascimento a gostar do que veste, das cores e estampas e, principalmente, a se apaixonar pela história dos familiares. É um show de charme e estilo!



## HEITOR

Se preparem para ter os corações derretidos! Esse é o Heitorzinho, com apenas 1 ano e 3 ele encanta a todos por onde passa, sempre com um sorriso estampado em seu rosto.

Super tranquilo e alegre Heitor já faz um sucesso tremendo com seu estilo bad boy mas seu carisma e alegria.

O sonho da mamãe é que ele trilhe este lindo caminho de modelo/ator. E continue a encantar por onde passar.

Foto: Acervo pessoal

## MIGUEL

Pra quem conhece o Miguel com certeza sabe falar do charme que o menino carrega. Com 8 anos de idade Miguel é modelo, sonha em seguir essa carreira profissionalmente e se tornar um grande modelo internacional.

Entre as coisas que mais ama fazer com certeza está ser fotografado. Ele conta que faz tudo com tanto amor e dedicação que seu hobby preferido é estar na frente das câmeras



Foto: Acervo pessoal



Foto: Acervo pessoal

## MARÍLIA FERRAZ

Marília é uma menina alegre e super divertida. A pequena está no 4º ano do Ensino Fundamental e já faz natação e ginástica rítmica. Ela não vê a hora para a liberação das aulas presenciais para continuar os cursos de Interpretação e passarela.

Marília adora modelar, andar de patins e fazer vários vídeos no tik tok. A mãe conta que ela já pensou em ter várias profissões, mas o que mais fala hoje é que pretende seguir na carreira de modelo. Boa Sorte Ma.



# ESPERANÇAS RENOVADAS

E COMPATÍVEIS COM OS DESAFIOS  
DE ONTEM, DE HOJE E DO AMANHÃ

RACHEL QUINTILIANO

***O mundo é muito maior que uma casa, ainda que nela tantas opiniões, razões, coerências, incoerências, violências, afetos, sentimentos possa reunir. No meu BBB particular tem tudo isso aí, e olha que mesmo sozinha, às vezes atuo como a cancelada e a canceladora de minhas próprias escolhas.***

Quanta coisa cabe dentro da gente. Quanto cabe lá fora. O infinito. E, neste infinito de possibilidades e ainda que eu esteja assistindo coisas muito ruins através do meu aparelho de tv conectado com a casa mais vigiada do país, ousou dizer que ainda há esperança, dentro e fora dela. E a resposta ou esperança está também nas capacidades das juventudes em promover transformações profundas.

No caso das juventudes negras, ainda mais. Não poderia acreditar em algo diferente se foram as juventudes negras que proveram tantos debates, criaram espaços de enfrentamento ao racismo com criatividade, respeito e gentileza.

Um desses movimentos que tem chamado minha atenção nos últimos tempos é justamente liderado por homens, na maioria jovens negros que estão, na minha opinião, como um grito de liberdade, definindo suas próprias narrativas.

Há algumas semanas, entrei em uma sala de conversa aleatória no Clubhouse, aplicativo lançado em 2020 e que ganhou visibilidade especialmente no Brasil no início de fevereiro de 2021. Lá, em um dia aleatório, um grupo de amigos negros estavam discutindo os impactos de 2020 na vida deles em decorrência da pandemia de Covid-19. Basicamente falavam de violência, de doença, de encontros e desencontros, de divórcios, de masculinidades negras. Eles me chamaram para conversar, permitiram que eu também dialogasse. Me apresentei, agradei por estarem compartilhando algo tão complexo, mas informei que preferiria apenas ouvir.

Bateu aquele negócio de lugar de fala. Bateu também aquela vontade imensa de apenas ouvir e aprender. Sai da conversa aliviada, tranquila e esperançosa. Eles estavam clamando por liberdade de ser quem eles quisessem, estavam mostrando fragilidades e também se auto apoiando. Lindo! Foi simplesmente lindo de ouvir.

Rachel Quintiliano é jornalista, pós-graduada em comunicação e saúde, consultora na área de comunicação, planejamento e sistematização com foco em saúde, gênero e raça. Escreve sobre beleza, identidade e autoestima.

No dia seguinte as redes sociais só falavam da saída de Lucas Penteado da edição de 2021 do Big Brother Brasil. Que alívio eu senti quando ele resolveu sair do programa. Temi pela saúde mental dele e de muitas outras pessoas negras dentro daquela casa nas primeiras semanas de programa.

Confesso que eu não duraria muitas horas ali dentro, com minha liberdade cerceada, sem privacidade, sem informação sobre o que acontece para além daqueles muros e com racismo e machismo rolando soltos. Contudo, também confesso um certo fascínio por esse tipo de experimento. Como sobreviver em uma casa, com pessoas que você não conhece, com uma luz branca constante em vários cômodos, com muita cor, com câmeras por todos os lados, bebida alcoólica?

Thiago Azeviche



Quando comecei a trabalhar em casa, devido a pandemia de Covid-19, em março do ano passado, em pouco tempo eu já não estava mais me aguentando e sem metade desses estímulos. Mas a desistência do Lucas de fato foi um alívio, desde aquele dia, leio uma coisa ou outra sobre o programa e assisto um ou outro dia de forma aleatória.

Aliviada, inspirada com a conversa que tinha ouvido dia antes sobre masculinidades negras e já com prazo apertado para escrever esse artigo, corri para o meu caderno - sim eu ainda uso caderno - Eu sabia que tinha guardado uma ou duas iniciativas de homens negros e jovens dignas de nota.

Lá estava um material que recebi há alguns meses sobre um empreendimento de moda direcionado para homens negros. Liderada por Thiago Azeviche, a Realeza (@vistarealeza) se autodenomina como uma marca de roupas cujo a proposta é “dialogar sobre a masculinidade negra, explorando as diversas possibilidades de mostrar homens pretos na linha de frente, em evidência”.

Thiago, que também é estilista, conta que mesmo com a influência positiva que recebeu de sua mãe e tias que costumavam, foi por meio do movimento hip hop que a marca começou a tomar forma real. “Conheci uma galera da Saramandaia que fazia silk screen e fiquei curioso. Quando entendi que podia me juntar, então comecei a comprar camisas prontas para estampar, até que passei a aprimorar as peças com tintas melhores e detalhes que incrementavam o produto”, diz Azeviche.

Há mais de oito anos no mercado, a marca opera em plataformas de e-commerce, redes sociais e no famoso porta em porta. Mas, não para por aí, além das roupas, Thiago também promove diálogos sobre masculinidades e paternidade.

Outra iniciativa no mesmo caminho, que também estava lá anotada no meu caderno é a Galo Solto (@galosoltosaiasmasculinhas), de saias masculinas, dos atores, Orlando Caldeira e Drayson Menezes, que também trabalha com vendas online e em lojas parceiras.

Além do conforto que as peças prometem, os atores e empreendedores deixam nítidos nas páginas da marca nas redes sociais, que as peças buscam desconstruir padrões.

As duas iniciativas, entre muitas outras que estão no meu caderno de notas e por aí, no mundo inteiro renovam aquela esperança que citei no início deste texto. A esperança das revoluções de todos os tamanhos, de muitas necessidades e formas e lideradas pelas juventudes negras.

Galo Solto Orlando Caldeira





# O SONHO AO ALCANCE DE TODOS

Imagine você, novo talento, tendo seu currículo numa plataforma com foco na diversidade, acessada por grandes organizações que buscam incluir levando em conta suas peculiaridades, dificuldades ou deficiências.

E se essa plataforma produzir mais de 5 bilhões de combinações em seu algoritmo, onde talentos podem ser selecionados informando, caso queiram, sua etnia, orientação sexual e faixa etária. E se você for portador de deficiência, o programa consta de 46 possibilidades de descrição das deficiências. Além de tudo, o sistema oferece suas competências e habilidades, sua geolocalização, como você gostaria de ser contratado, disponibilidade e áreas de interesse para trabalhar na empresa. Caso ache que isso é um sonho, ledo engano, tudo isso existe e está ao alcance de todos: @diversidade.io.

Marcelo Arruda, 55, publicitário, com MBA em Varejo pela USP e Gestão Empresarial na FGV, batendo um papo com Theo Van Der Loo, CEO da NatuScience S.A. Theo sugeriu uma forma de se localizar talentos negros. O pedido não foi para qualquer pessoa.

Dessa conversa e este acúmulo surge a @diversidade.io. Segundo Marcelo Arruda, a plataforma nasce para resolver uma dor, mas também para acelerar a inclusão em empresas de todos os portes, não apenas na contratação de colaboradores, mas também para contato e acesso a empreendedores das mesmas diversidades. Além disso, ela é uma comunidade, onde pessoas podem se cadastrar para indicar as vagas a outras pessoas, sem custo nenhum, acelerando a empregabilidade e negócios para pessoas conhecidas.



Foto: Acervo Pessoal

Batemos um papo com Marcelo Arruda, acompanhe a entrevista:

**O que faz a Plataforma diversidade.io ?**

A Plataforma diversidade.io faz a aproximação de talentos da diversidade com empresas inclusivas. Existem empresas de todos os portes e em todos os segmentos querendo ser inclusivas e a plataforma simplifica e automatiza isso, onde as empresas cadastradas como contratantes vão buscar talentos, anunciar vagas, buscar fornecedores e anunciar a sua empresa, de forma simples, sem precisar contato com a nossa equipe; simplificamos e automatizamos a oportunidades da diversidade e da inclusão. Consideramos as empresas como parceiras na construção da equidade.

**Como a sua startup lida com a diversidade?**

Olhamos a diversidade de maneira plural, horizontal, pois além da questão racial também criamos oportunidades para talentos que diferem em sua orientação sexual, faixa etária, PCDs, geolocalização, conhecimento de idiomas, pois entendemos que todos os grupos da diversidade precisam ter visibilidade e oportunidades.

**Você acredita que ainda deve demorar muito para que tenhamos mais inclusão nas empresas?**

Tenho uma visão otimista, acredito que estamos caminhando para empresas mais diversas, algumas diversidades tiveram mais velocidade em seu crescimento, como as mulheres, em geral, a legislação também contribuiu para que os PCDs sejam mais vistos e contratados. Estamos acompanhando um crescimento consistente de conscientização da diversidade racial, as empresas.





É com muito prazer e alegria que a VIA MUNDO TRANSAÉREO está presente em mais uma edição da revista raça. Sentimo-nos honrados por participar de uma edição comemorativa celebrando 24 anos.

A Revista Raça com seus conteúdos diversificados contribui de forma ampla e objetiva, trazendo informação, cultura, beleza, moda e entretenimento.

"Estamos muito felizes em fazer parte dessa história de lutas e conquistas, somos uma empresa que valoriza as diversidades e pluralidade de idéias e conceitos.

Essa mentalidade adotada é transmitida a todos os nossos colaboradores, onde o respeito é a chave do sucesso, gerando resultados e fazendo a diferença no mercado e na sociedade como num todo."


*-Diretoria Via Mundo*



**VIA MUNDO**  
TRANSPORTES

ENVIE A SUA CARGA PARA TODO O BRASIL,  
COM EFICIÊNCIA, AGILIDADE E QUALIDADE.

☎ 11 5555-5491

 **viamundotransportes**

**www.viamundotransportes.com.br**





# A Liga Digital

## cursos gratuitos para jovens de baixa renda

Texto: Redação  
Fotos: Divulgação



Projeto criado para levar educação gratuita de qualidade em *e-commerce*, marketing digital e programação aos jovens de baixa renda, a Liga Digital acaba de anunciar as novidades para este ano. As inscrições para os cursos *on-line* 2021 estão abertas. E a fim de oferecer educação continuada, o projeto está lançando cursos de extensão também 100% gratuitos e *on-line*, que serão disponibilizados aos 250 jovens formados nas turmas de 2020.

A Liga Digital foi idealizada pelas executivas de *e-commerce* Edilaine Godoi e Helenice Moura. Com duração de quatro meses, os cursos *on-line* 100% gratuitos são ministrados por profissionais renomados do mercado digital como Daniel Storch, Diretor de E-commerce da L'Oréal, Elvis Gomes, Head de Business da Live eCommerce, Fabio Fialho, CSO da Synapcom, Luiza Severo, Gerente de E-commerce da Canon, Rodrigo de Oliveira Neves, Presidente da Abradi SP – Associação Brasileira dos Agentes Digitais, entre outros super-heróis.



Segundo o relatório Empregos em Alta do LinkedIn, que analisou as categorias de carreira com o maior crescimento em contratações de um ano para o outro, no período de abril a outubro de 2020 foi observada ascensão nos cargos de marketing digital, e-commerce e telemarketing no Brasil. Segundo o documento, desde o início da Covid-19 no Brasil, uma loja virtual por minuto foi aberta no país.

Há novidades também no time de embaixadores – profissionais de destaque que também são chamados de capitães. Alfredo Soares, sócio da Vtex, Igor Reis, Diretor de Marketing da Warner Bros, Márcio Kumruian, fundador da Netshoes, Pedro Chiamulera, CEO do T. Group e a cantora Wanessa Camargo acabam de se juntar ao grupo.

"Fazer parte desse projeto tem sido uma das experiências mais emocionantes e bonitas da minha vida profissional (e pessoal) nesses quase 30 anos de carreira. Contribuir, mesmo que de uma forma muito simples, para os alunos ampliarem seus conhecimentos como uma forma de tentarem melhorar de vida é algo maravilhoso, que vale muito a pena. E você tem ainda mais certeza disso quando olha diretamente nos olhos de cada um dos alunos durante as aulas e encontra, através desses olhares, pessoas interessadas e ansiosas por ampliar seus conhecimentos", afirma Igor Reis.

Em 2021, A Liga Digital está concentrando esforços na geração de oportunidades de empregabilidade para os alunos formados, a exemplo da aluna do curso de Marketing Digital que foi contratada pela Canon.

"É uma honra participar deste projeto, que tem mudado a vida de tantas pessoas por oferecer um dos bens mais preciosos que podemos ter, que é o conhecimento. Através da educação, chegamos cada vez mais longe. Ao aceitar o convite para ser Embaixadora, espero motivar mais e mais pessoas e empresas de todo o Brasil a valorizarem este projeto e, como eu, tornarem-se guardiãs. Acredito muito na força dos jovens formados pela Liga. Meu desejo é que cada vez mais oportunidades de trabalho se abram a estes talentos. Ao time de professores, heróis voluntários, desejo que sigam firmes no propósito de compartilhar seu tempo e conhecimento. O Brasil tem jeito. Vamos seguir firmes no caminho da educação, da cultura e da valorização da nossa gente", declara Wanessa Camargo.

A história dela pode ser encontrada em <https://www.youtube.com/yMzZrxv9pYA>.

A Liga Digital tem o apoio das seguintes empresas guardiãs: Agência Comunicado, Awin, Driven, E-commerce Brasil, Live eCommerce, Loja Integrada, NeoAssist e Proxy Media.





# Negras e o empreendedorismo

Texto: Redação

Foto divulgação.




Liliane Rocha

## Com a falta de oportunidades para ascensão no mercado de trabalho formal, mulheres negras se tornam executivas de destaque do empreendedorismo no Brasil

8 de março, o Dia Internacional da Mulher, que é celebrado em todo o mundo como forma de ressaltar as conquistas e lutas das mulheres em busca de igualdade de gênero. É necessário refletir principalmente sobre a mulher negra e os desafios que ela enfrenta, seja para ser reconhecida no mercado de trabalho ou até por sua subsistência como empreendedora.

O relatório do Sebrae sobre empreendedorismo negro, de 2019, aponta que no Brasil 9,6 milhões de mulheres estão à frente de um negócio, sendo que as mulheres negras representam metade desse número, ou seja, cerca de 4,7 milhões são mulheres negras.

A sub-representação da mulher negra no mercado de trabalho certamente tem impulsionado esses números nos últimos anos, o que pode ser comprovado no estudo do Ethos, "Perfil Social, Racial e de Gênero das 500 maiores empresas do Brasil e suas Ações Afirmativas". Na perspectiva de raça, o estudo mostra que mulheres negras são ainda mais excluídas nas empresas, principalmente nos cargos executivos e da alta liderança, sendo apenas 1,6% da gerência e 0,4% do quadro executivo. Entre os 548 executivos analisados para a conclusão do estudo, apenas duas mulheres negras faziam parte do grupo. Reconhecidamente, as dificuldades para as profissionais negras vêm desde a graduação, já que elas enfrentam diversos obstáculos que vão desde o ingresso na faculdade, passando pelas dificuldades em manter os estudos, até concluir um curso superior, seja por dificuldades financeiras ou pela falta de tempo para conciliar o emprego com os estudos. Ainda segundo o Sebrae, quando falamos de empreendedorismo feminino negro, em média, as mulheres negras empreendedoras têm 1,7 ano a menos de escolaridade que as mulheres brancas.



E as desigualdades não param por aí. Os negócios conduzidos pelas mulheres negras têm porte menor do que o de mulheres brancas, as empreendedoras negras ganham 49% a menos que as brancas. Para Liliane Rocha, CEO e Fundadora da Gestão Kairós, consultoria de Sustentabilidade e Diversidade, essas diferenças são reflexo do racismo estrutural que ainda é muito forte na sociedade brasileira. "A verdade é que dentro das grandes empresas, produtoras de filmes e afins, chega uma hora que a mulher negra percebe que está lidando com uma barreira invisível que nada tem a ver com a performance. Neste instante se dá conta de que, para ter o tamanho profissional e social que merece, deverá empreender. E ainda que sem base financeira ou patrimonial prévia, acaba por se tornar um caso de sucesso".

Liliane Rocha é mestra em Políticas Públicas, professora de Diversidade na pós-graduação da Universidade do Estado de SP (USP-FIA) e do Senac. Liliane também tem inovado nas discussões da área de diversidade, ao cunhar novos termos e conceitos como o Diversitywashing (Lavagem da Diversidade) – termo por ela difundido e consolidado no Brasil, utilizado para identificar práticas ou ações de empresas, governos e outras instituições que se apropriam de questões relacionadas à temática da Diversidade e Inclusão e das lutas por equidade social, para ganharem status e posicionamento sem que, de fato, realizem ações concretas para inclusão e valorização da diversidade dentro das atividades que realizam. Ela é uma prova de que a falta de oportunidades impulsiona o empreendedorismo e confirma que para profissionais negros, às vezes o que falta é acreditar e apostar em seus potenciais e habilidades. Com uma trajetória de 16 anos atuando nas áreas de Sustentabilidade e Diversidade de Multinacionais, ela pôde olhar de dentro das empresas o que funcionava e o que não funcionava, no que se refere à inclusão e valorização da diversidade nas organizações.



# BAOBÁ

Redação

Foto shutterstock


O imbondeiro ou a *Adansonia digitata*, nome científico do Baobá, essa grande árvore é um símbolo da ancestralidade africana. Conta a lenda que antes de serem embarcados nos navios negreiros, ou tumbeiros, os escravizados eram obrigados a dar dezenas de voltas em torno de um imenso baobá, onde deixavam sua essência. Em seguida, eram batizados e recebiam uma identidade cristã ocidental. Por isso, o baobá começou a ser chamado de árvore do esquecimento, nele os escravos deixavam a memória e a sabedoria. No Senegal, diz-se que o defunto que for enterrado dentro do tronco permanece com a alma viva, enquanto a árvore existir.

Na mitologia yorubá, o baobá aparece na construção simbólica do princípio de tudo, conexão fundamental entre tudo que existe material e o mundo sobrenatural.

Baobá é uma espetacular árvore africana, que tem em média 30 metros de altura e 11 de circunferência. Extremamente resistente a intempéries da natureza, chega a durar 6.000 anos e sua semente leva dez anos para germinar. Inacreditavelmente consegue concentrar mais de cem mil litros de água e sua formosa copa atrai todos. Por conta dessa magnífica opulência nasceu uma extensa produção de folclore acerca de sua existência. Assim, o baobá é parte da história e cultura africana. Além de tudo, as folhas, sementes e frutos são alimentos riquíssimos, sua madeira tem inúmeras aplicações, desde a construção civil até a produção de instrumentos musicais, e nas entranhas do seu tronco normalmente são construídas cisternas comunitárias.







O acúmulo de água no seu tronco oco é uma dádiva: os 120.000 litros de água são importantes para os períodos de seca, ou os viajantes que a encontram nas peregrinações. Abre-se um buraco no caule, usa-se a água; quando a água esgota, o tronco fica oco e passa a servir de abrigo para animais e domicílios para famílias.

Por isso representam a vida, fertilizada, cura e abundância, a árvore da vida.

Há uma triste notícia envolvendo os baobás: essas árvores majestosas estão morrendo.

Na busca de descobrir o porquê a árvore dura tanto, cientistas descobriram que elas estão morrendo há anos ou décadas. Os pesquisadores não encontraram sinais de epidemia ou doença, o que os levou a sugerir que a mudança climática no sul da África poderia ser a culpada - mas eles enfatizam que mais pesquisas são necessárias para confirmar essa ideia.

Em um caso, os pesquisadores observaram que em 2010 e 2011, todos os caules de Panke, uma árvore gigante e sagrada do baobá, no Zimbábue, caíram e morreram. A equipe estima que a árvore tinha 2.450 anos, tornando-a a mais velha conhecida como baobá e angiosperma africano com data precisa. Outras árvores no sul da África também morreram completamente ou tiveram colapso parcial do caule.

Fonte: Patrut, A. et al. Nature Plants  
<https://doi.org/10.1038/s41477-018-0170-5> (2018).





## FUNERÁRIA FAMÍLIA BERNARD

Em 2017, Ryan Bernard inaugurou a Funerária R Bernard, oferecendo pacotes completos e econômicos para ajudar a comunidade a arcar com as altas despesas dos funerais. Esta comédia dramática gira em torno da empresa, gerenciada pela família Bernard, que busca oferecer cuidados e serviços de alto nível, ajudando os clientes a se despedir dos entes queridos sem perder o bom humor. Com essa profissão tão difícil, os Bernard sempre precisam apoiar uns aos outros e têm a própria receita para não deixar o trabalho atrapalhar o relacionamento da família: compreensão com um toque de sarcasmo e uma dose extra de honestidade. É uma funerária fora do comum, administrada por uma família extraordinária.

## POR TRÁS DE SEUS OLHOS

A mãe solo Louise (Simona Brown) tem um caso com o chefe, o psiquiatra David (Tom Bateman), mas sua vida muda de rumo depois que ela faz amizade com a esposa dele, Adele (Eve Hewson), e se envolve em uma rede de segredos, mentiras e dissimulações. Também estrelado por Robert Aramayo, Por Trás de Seus Olhos tem produção da Left Bank Pictures (The Crown) e roteiro de Steve Lightfoot e Angela LaManna baseado no romance de sucesso escrito por Sarah Pinborough.







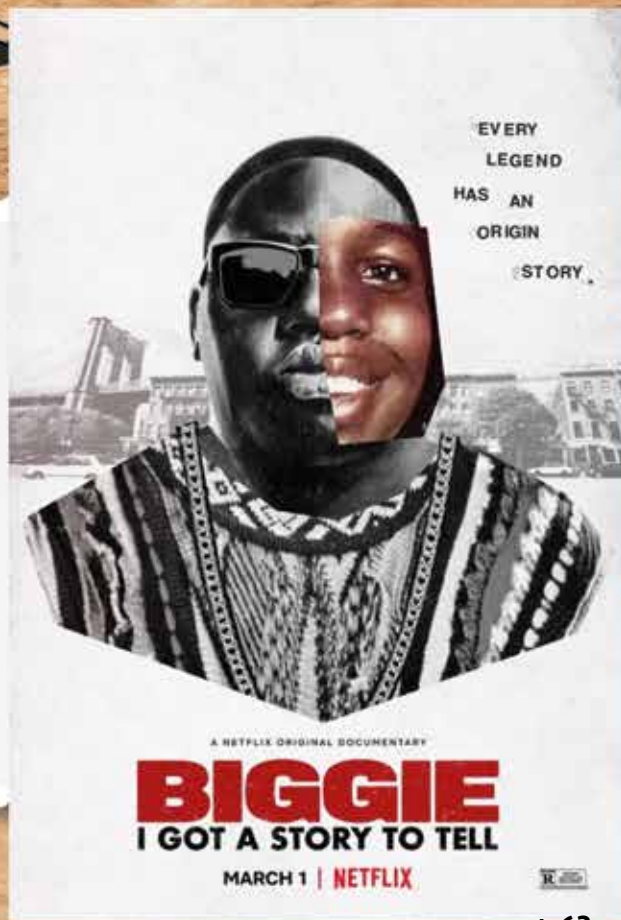
## GINNY E GEORGIA

Ginny Miller só tem 15 anos, mas já se sente mais madura do que sua mãe, a irresistível Georgia Miller. Depois de passar anos fugindo, Georgia se muda para uma cidadezinha, determinada a conseguir algo que a família nunca teve: uma vida normal. As coisas não são tão simples quanto parecem, pois o passado de Georgia ameaça essa tranquilidade toda... e ela é capaz de qualquer coisa para proteger a família.

## NOTORIOUS B.I.G.

### A LENDA DO HIP HOP

Após a inclusão de Notorious B.I.G. no Hall da Fama do Rock, e marcando seu aniversário de 50 anos, "Notorious B.I.G. - A Lenda do Hip Hop" lança um novo olhar sobre um dos maiores e mais influentes rappers de todos os tempos, feito por quem o conheceu de perto. Realizado com o apoio da família de Biggie, o documentário mostra a ascensão rápida e o fim trágico do homem que está no centro do universo do rap há mais de vinte anos. Com direção de Emmett Malloy, este retrato intimista tem imagens raras feitas pelo melhor amigo do rapper, Damion "D-Roc" Butler, e entrevistas inéditas com amigos e familiares que revelam um lado de Christopher Wallace que o mundo jamais conheceu. "Notorious B.I.G. - A Lenda do Hip Hop" tem produção executiva de Sean Combs, Voletta Wallace, Mark Pitts, Stanley Buchthal, além de Emmett e Brendan Malloy.







CAPA: JUVENTUDE NEGRA & SUCESSO  
FOTOS: JORGE GARCIA / YBRASIL  
CRIAÇÃO E ARTE: WESLEY ALISSON

## REVISTA **RAÇA**

RAÇA é uma publicação da Pestana Arte & Publicações. Não nos responsabilizamos por conceitos emitidos em artigos assinados ou por qualquer conteúdo publicitário e comercial, sendo esse último de inteira responsabilidade dos anunciantes.

[www.revistaraca.com.br](http://www.revistaraca.com.br)  
[www.facebook.com/revistaraca](https://www.facebook.com/revistaraca)  
Ano XXII - Edição 223



PESTANA ARTE & PUBLICAÇÕES  
Rua Serra de Bragança, nº 66B  
Vila Gomes Cardim, São Paulo - SP  
CEP: 03318-000 - Tel. (+55 11) 2097-6919

DIRETOR: Maurício Pestana

EDITORA ASSISTENTE: Hamalli Alcântara

### REDAÇÃO

EDITORA-CHEFE: Hamalli Alcântara

DIRETOR DE ARTE: Wesley Alisson

MÍDIAS SOCIAIS: Hamalli Alcântara

REVISÃO: Afonso Leite

COLABORADORES: Augusto Baptista, Dione Rio, Emanuele Sanuto, Fernanda Alcântara, Fernando Ferraz e Márcio Telles

CONSELHO EDITORIAL: Amarildo Nogueira, Carlos Machado, Carol Barreto, Dilza Muramoto, Edvaldo Vieira, Hélio Silva Jr, Fábio Garcia, Fábio Pereira, Fátima França, Flávio Andrade, Francilene Martins, Jane Costa, Katleen Conceição, Mônica Faria, Olívia Santana, Petronilha Gon, Rachel Maia, Sandro Aloísio, Théo van der Loo e Uenia Baumgartner

DEPARTAMENTO JURÍDICO: Cleide Victorino

### PARA ANUNCIAR

[mpestana@revistaraca.com.br](mailto:mpestana@revistaraca.com.br)

### SUGESTÃO DE PAUTA

Sugestões, dúvidas e informações, escreva para: [redacao@revistaraca.com.br](mailto:redacao@revistaraca.com.br) ou com a editora-chefe: [flavia.editora@revistaraca.com.br](mailto:flavia.editora@revistaraca.com.br)

### IMPRESSÃO

Grafilar - Tiragem 20.000

Nota da redação: Algumas imagens desta edição, foram pesquisadas na internet. Não encontramos as fontes, que poderão ser creditadas na próxima edição.

### LOJA RAÇA

Confira as ofertas e produtos da Raça  
no site: [www.revistaraca.com.br](http://www.revistaraca.com.br)

Foto shutterstock



REVISTA

# RAÇA



REVISTA RAÇA



@REVISTARAÇA



@REVISTARAÇA



REVISTA RAÇA

**CADA DIA MAIS  
CONECTADA A VOCÊ**





# # todes merecem respeito

No Carrefour, valorizamos a diversidade e a inclusão. Treinamos líderes e equipes para garantir um ambiente de trabalho respeitoso e com igualdade de oportunidades, sem distinção de raça, cor e etnia.

Acreditamos no valor das pessoas. Neste mês, celebramos a importância dos 24 anos da **Revista Raça** e lembramos que estamos aqui porque aprendemos diariamente que respeito é o valor que nos une e porque **valorizamos todas as histórias.**





## Somos recheados de diferenças.

Oreo, uma marca da Mondeléz International, sabe que cada pessoa é diferente da outra. Tanto por dentro quanto por fora. Sabemos disso porque o nosso papel é justamente despertar o espírito brincante que existe em cada pessoa. Nos mais diversos tipos de família. No mundo inteiro.

Por isso, nosso compromisso como empresa vem se transformando. Aprendemos que essa pluralidade não é algo que nos separa, nos divide. É o que nos torna únicos. Melhores. Diversidade passou de uma questão de respeito e justiça para se tornar algo crucial ao nosso futuro. E queremos ser cada vez mais assim: recheados de diferenças. Tanto na forma como falamos com o nosso consumidor quanto na hora descobrir, lapidar e promover talentos. Por dentro. Por fora.

**Oreo. Continue brincante.**